

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE JORNALISMO

SARA OLIVEIRA CAMELO COSTA MORAIS

**O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DO SUJEITO COMO  
ELEMENTO DE RESSIGNIFICAÇÃO DA FOTOGRAFIA:  
ANÁLISE CULTURAL DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DAS  
MULHERES DO DOCUMENTÁRIO “FEMINISTAS: O QUE ELAS ESTAVAM  
PENSANDO?”**

UBERLÂNDIA

2021

SARA OLIVEIRA CAMELO COSTA MORAIS

**O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DO SUJEITO COMO  
ELEMENTO DE RESSIGNIFICAÇÃO DA FOTOGRAFIA:  
ANÁLISE CULTURAL DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE  
DAS MULHERES DO DOCUMENTÁRIO “FEMINISTAS: O QUE ELAS  
ESTAVAM PENSANDO?”**

Monografia apresentada no curso de Jornalismo como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Gerson de Sousa

UBERLÂNDIA

2021

SARA OLIVEIRA CAMELO COSTA MORAIS

**O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DO SUJEITO COMO  
ELEMENTO DE RESSIGNIFICAÇÃO DA FOTOGRAFIA:  
ANÁLISE CULTURAL DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DAS  
MULHERES DO DOCUMENTÁRIO “FEMINISTAS: O QUE ELAS ESTAVAM  
PENSANDO?”**

Monografia apresentada no curso de  
Jornalismo como requisito parcial para a  
obtenção do título de bacharel em  
Jornalismo.

Uberlândia, 4 de novembro de 2021

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Gerson de Sousa – UFU  
Orientador

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vanessa Matos dos Santos – UFU  
Examinadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Regina Ilka Vieira Vasconcelos – UFU  
Examinadora

*Para minha mãe*

## AGRADECIMENTOS

Esta monografia é um grande elemento constituinte da minha própria identidade, pois ela diz muito sobre a paixão que eu tenho pela pesquisa, pela ciência e pela liberdade que ambas me oferecem. Todavia, nada disso seria possível sem a participação de algo que está fora de mim, de algo que é diferente de mim. Como vocês vão ver durante a jornada de leitura desta pesquisa, a identidade parte da diferença e são aos "outros" – que estão para além de mim, que completam a minha existência – a quem quero agradecer.

Professor Gerson, não sei expressar o quanto sou grata pelo mestre que você foi ao me apresentar essa liberdade oferecida pelo ato de pensar. Você mudou a minha realidade e me apresentou outras formas de enxergar o mundo, obrigada.

Agradeço a minha mãe por me fazer compreender a importância da educação neste mundo tenebroso. Se eu sou o que sou hoje é por sua causa. Você é o outro que constitui minha própria identidade. Lídia Camelo, minha irmã, minha parceira, obrigada por ser meu ponto de fuga e meu abrigo durante mais essa trajetória. Agradeço por ter sido toda ouvidos para meus questionamentos e por ser a primeira leitora da minha pesquisa. Sou grata ao meu irmão Charly pela parceria e pela paciência durante a minha jornada. Não poderia deixar de agradecer aos meus animais de estimação que são verdadeiros anjos encarnados na terra. Maré, Agatha, Cosima, Mía e Petinha, vocês me arrancaram boas risadas e me mostraram a simplicidade da vida durante esse tempo.

Sou grata à Loise, melhor amiga e companheira, que não vejo há quase dois anos devido ao isolamento social, mas que nem a distância foi capaz de romper o acolhimento que encontrei em você. Agradeço também a todos os "outros" que são peças fundamentais e que merecem estes agradecimentos, vocês sabem quem são. Felizmente sou um ser presenteado com a graça de dispor de muitas companhias durante essa jornada.

Agradeço à literatura por ter sido meu respiro nos momentos difíceis, a cada autor que tive a oportunidade de conhecer e apreciar as belas palavras por eles escritas. Agradeço também às comunidades de foco virtuais, entre elas o “Condomínio”, que me ajudaram a compreender, cada vez mais, a importância do sentimento de identidade para com um grupo. Vocês me ajudaram a permanecer firme em momentos difíceis e a focar no caminho rumo aos

meus sonhos.

Não cheguei ao final desta pesquisa sobrecarregada, esgotada e cabisbaixa. Cheguei com força, com garra e com coragem. A coragem que conquistei por meio do medo, da incerteza e das dificuldades - umas das maiores que já vivi, e ousou dizer que o mundo já viveu: uma pandemia. Sei que não sou a mesma do início, aceito de bom grado as transformações e celebro a liberdade que alcancei. O processo de produção desta monografia estará eternizado em minha memória para que, num futuro próximo, ele possa ser revisitado e ressignificado para outras possibilidades. Agradeço, por fim, a você leitor, por dispor do seu tempo nesta jornada conceitual.

CAMELO, Sara. **O processo de construção da memória do sujeito como elemento de ressignificação da fotografia:** Análise cultural do processo de construção de identidade das mulheres do documentário “Feministas: o que elas estavam pensando?”. 2021. 55 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

## RESUMO

O presente trabalho analisa a construção de identidade das mulheres do documentário “Feministas: o que elas estavam pensando?” como forma de investigar a maneira pela qual o processo de construção da memória da mulher trata o feminismo por meio da ressignificação da fotografia. Ao utilizar a abordagem metodológica da análise cultural, o objetivo é esquadrihar de que modo o contexto e a temporalidade se tornam elementos fundamentais dentro dos processos de construção de memória e identidade dos sujeitos, uma vez que o mesmo está à mercê de mudanças derivadas do convívio social. Como resultado final compreende-se que: a forma que o processo de construção da memória da mulher trata o feminismo por meio da ressignificação da fotografia leva em conta as complexidades dos processos de construção de memória e identidade de cada sujeito.

**Palavras-chaves:** memória; identidade; estudos culturais; feminismo; fotografia.

CAMELO, Sara. **The process of constructing the subject's memory as an element of reframing photography**: Cultural analysis of the process of constructing the identity of women from the documentary “feminists: what were they thinking?”. 2021. 55 p. Monograph (Graduate in Journalism). Federal University of Uberlândia, Uberlândia, 2021.

## ABSTRACT

This monograph analyzes the women identity construction on the documentary “Feminists: what were they thinking?”, to identify how the process of construction of women's memory debated feminism through the resignification of photography. Using the cultural analysis, the goal is investigate how the context and temporality become fundamental elements within the processes of subjects’ construction of memory and identity since it depends of the changes from social conviviality. As a final result, it is understood that the way that: the process of construction of women's memory deals with feminism through the reframing of photography takes into account the complexities of the processes of construction of memory and identity of each subject.

**Keywords:** memory; identity; cultural studies; feminism; photography.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 A DESCOBERTA DE SI.....</b>	<b>17</b>
<b>3 O FEMINISMO JUNTO À ARTE.....</b>	<b>27</b>
<b>4 SOB A MINHA PELE.....</b>	<b>37</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>54</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A resignificação de uma fotografia acontece de forma relativa: os significados atribuídos à análise do objeto podem mudar de acordo com o sujeito que o lê. Os elementos contidos na fotografia, sejam eles sujeitos, sejam objetos, sejam lugares ou sejam acontecimentos também se fazem importantes, uma vez que eles constituem sua narrativa. A temporalidade é um fator que deve ser levado em conta durante a análise, visto que, com o decorrer dos anos, os sujeitos que analisam estão propícios a mudarem sua perspectiva frente ao objeto de análise. Os processos culturais e socioeconômicos estão interligados num processo de interação, pois quando levamos em conta a produção de significados na sociedade, a análise do contexto é de extrema relevância para a compreensão dos processos sociais. A complexidade da resignificação da fotografia, se estabelece pelo tempo em que ela é analisada, pelo sujeito que a lê e pelo contexto no qual ela está.

Em 2018, a Netflix lançou o documentário intitulado “Feministas: o que elas estavam pensando?”, que aborda a vivência de mulheres e suas relações com o movimento feminista. O feminismo é um movimento político social que tem como objetivo estabelecer a emancipação feminina na sociedade patriarcal, compreendendo as estruturas e mecanismos sociais que constituem a vivência da mulher. O documentário apresenta entrevistas com várias mulheres que viveram na década de 1970, nos Estados Unidos, e que foram personagens de um livro fotográfico intitulado “Emergence”, publicado em 1977 pela fotógrafa Cyntia Mac Adams.

O documentário se sustenta como objeto de análise desta pesquisa, visto que ele tem o livro “Emergence” como elemento central de sua narrativa. Narrativa que, por sua vez, levou em conta a temporalidade como parâmetro de discussão sobre o feminismo. As fotografias do livro são o ponto de partida para as discussões abordadas pelas personagens. Com isso, as fotografias do livro se tornaram um elemento de análise dentro do documentário.

A obra “Feministas: o que elas estavam pensando?” traz à tona questões sobre o feminismo e as possíveis resignificações dessas mulheres, considerando a sua diferença temporal com o livro “Emergence”.

Ao compreender que o processo de construção da memória do sujeito é um mecanismo vivo de reflexão sobre os processos sociais dentro de um contexto e de uma

temporalidade, e que a fotografia se apresenta como um elemento comunicativo para que tais reflexões aconteçam, o questionamento central desta pesquisa é: de que forma o processo de construção da memória da mulher trata o feminismo por meio da ressignificação da fotografia?

A importância desta pesquisa é a tomada de consciência a respeito das mudanças que ocorrem conosco e, conseqüentemente, com a própria sociedade. A relevância deste trabalho se estende às camadas mais internas do sujeito e da sociedade, porque ao trabalhar conceitos como ressignificação e memória é possível discutir sobre identidade.

Por ser um trabalho que percorre por narrativas feministas, a importância se estende às contribuições tanto na área da fotografia quanto nos estudos sobre os movimentos sociais. A pesquisa aborda a própria identidade da mulher atrelada ao feminismo e, por isso, se faz importante frente ao cenário atual no qual os movimentos sociais estão em pauta.

A importância se estabelece pela análise do feminismo sob a perspectiva da temporalidade abordada no objeto de estudo, além de como o movimento foi importante no processo de construção da memória da mulher, ao instaurar novas reflexões sobre o feminismo. A relevância se estende à própria produção do livro “Emergence” e do documentário “Feministas: o que elas estavam pensando”, visto que ambos são produzidos por mulheres. Isso reafirma a importância de dar espaço para que produções de mulheres feministas instiguem a reflexão sob a perspectiva delas mesmas.

A contribuição acadêmica desta pesquisa diz respeito a análise dos processos sociais indispensáveis para a elaboração de qualquer produto acadêmico. Pois, o jornalista deve ter consciência sobre a responsabilidade ética e social em relação às pessoas que ele retrata e, a pesquisa acadêmica, contribui para que esta compreensão seja alcançada por meio da análise dos processos sociais. Ao trazer para o campo dos estudos da fotografia, é necessário abrir um espaço de reflexão sobre sujeito e sociedade por meio da análise de obras fotográficas.

Toda imagem capturada pelas lentes de uma câmera possui sentidos e interpretações que devem ser analisadas levando em conta o contexto no qual ela foi criada. Pesquisas como esta são importantes no sentido de contribuir para que a formação do fotógrafo seja embasada no entendimento sobre a ressignificação da fotografia. A tomada de consciência sobre processo de construção da memória está vinculada ao estudo processual dessa ressignificação, pois de acordo com Pollak (1992), a memória também está sujeita a

ressignificações, levando em conta o momento de sua articulação e expressão.

O diferencial deste trabalho se deve à discussão da diferença temporal que o objeto de estudo propôs, porque é por meio dela que se percebe o poder atemporal da fotografia e a importância social do feminismo. A discussão que funde dois meios de comunicação (documentário e fotografia), com diferença temporal, é interessante para avançar nos estudos sobre análise cultural, promovendo assim, uma reflexão sobre sujeito e sociedade.

Existem vários aspectos que saltam aos olhos quando se trata deste tipo de análise. O primeiro deles é o fato de que as interpretações só são possíveis quando a análise leva em conta o contexto e o tempo apresentado na materialidade do documentário com uma perspectiva de construção analítica que vê o sujeito para além de sua determinação. O que está ao redor do sujeito também é igualmente relevante ao que está dentro, pois seus processos internos só acontecem devido ao que o rodeia. Para compreender os processos de construção de identidade e memória é necessário perceber as articulações do contexto no qual o sujeito está inserido.

O objetivo geral desta pesquisa é o de analisar a forma pela qual o processo de construção da memória das mulheres do documentário “Feministas: o que elas estavam pensando?” aborda o feminismo a partir da resignificação da fotografia. Para que isso seja efetivo, os objetivos específicos se apresentam como: compreender a fotografia como processo comunicativo, compreender a relação entre memória coletiva e identidade com base nos estudos culturais e, por fim, entender as mudanças de concepções do ser mulher com o decorrer dos anos.

Ao questionar a forma sobre como o processo de construção da memória da mulher trata o feminismo, através da resignificação da fotografia, é possível considerar esta pesquisa como aplicada aos estudos da comunicação. Segundo Gil (2009), uma pesquisa aplicada visa gerar conhecimento para aplicação prática e dirigida à solução de problemas que tenham objetivos anteriormente definidos.

Todavia, tem como característica fundamental o interesse na aplicação, utilização e conseqüências práticas dos conhecimentos. Sua preocupação está menos voltada para o desenvolvimento de teorias de valor universal que para a aplicação imediata numa realidade circunstancial. (GIL, 2008, p. 27).

O problema levantado nesta monografia é de caráter qualitativo, visto que o foco

da pesquisa não é voltado para um resultado numérico, mas sim, para o aprofundamento das relações, dos processos e dos fenômenos sociais. “O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações.” (DESLAURIERS, 1991, p. 58).

Ao analisar os objetivos desta pesquisa percebe-se que eles são de natureza descritiva, uma vez que os fenômenos sociais apresentados na materialidade do documentário serão descritos como forma de compreender suas complexidades. Neste tipo de pesquisa o principal intuito é descrever as características de um determinado grupo social como forma de investigação. Tais descrições dizem respeito a questões de idade, sexo, etnia, escolaridade, renda, entre outros.

As pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados. (GIL, 2008, p. 8)

De acordo com Gil (2008), algumas pesquisas descritivas não ficam apenas na identificação das características de um grupo, o que faz com que ela se aproxime da pesquisa explicativa, não deixando de lado o seu caráter descritivo.

Algumas pesquisas descritivas vão além da simples identificação da existência de relações entre variáveis, pretendendo determinar a natureza dessa relação. Neste caso tem-se uma pesquisa descritiva que se aproxima da explicativa. (GIL, 2008, p. 28).

Quanto aos procedimentos técnicos adotados, a pesquisa se caracteriza como documental, uma vez que ela propõe analisar um material (documentário) que ainda não ganhou um tratamento analítico.

A pesquisa documental recorre a fontes diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programa de televisão. (FONSECA, 2002, p. 32).

As produções culturais possuem relação intrínseca com a forma pela qual as ideologias, representações e valores são criados e modificados socialmente. As crenças

religiosas são um bom exemplo de como a cultura intervém, não apenas nas ideologias do sujeito, como também, na construção de sentido dos grupos sociais. Entretanto, as repercussões culturais, ao alcançarem tais grupos sociais, se relacionam também com as produções de sentido dos sujeitos pertencentes a esses grupos. Isso torna muito claro a interpenetração da cultura nos setores sociais. Ao estudo desses processos, dá-se o nome de estudos culturais.

A abordagem metodológica de análise desta pesquisa se caracteriza como análise cultural. Esse tipo de análise busca averiguar as produções de sentidos como forma de identificar padrões dentro do meio social. Com isso, pode-se observar as possíveis relações entre estes padrões como forma de identificar alguma identidade entre eles. Sobre a análise cultural Williams (2003) destaca:

A análise da cultura tem o intuito de descobrir a natureza da organização que constitui o complexo dessas relações. A análise de obras ou instituições específicas é, neste contexto, a análise de seu tipo essencial de organização, as relações que umas ou outras encarnam como partes da organização em seu conjunto. Nela, a palavra-chave é “padrão”: qualquer análise cultural útil se inicia com o descobrimento de um tipo característico de padrões, e a análise cultural geral se ocupa das relações entre eles, que às vezes revelam identidades e correspondências inesperadas entre atividades até então consideradas em separado, e em outras ocasiões mostram descontinuidades imprevistas. (WILLIAMS, 2003, p. 56).

Tais padrões possuem ligação direta com as práticas sociais, podendo ser ressignificados de acordo com a temporalidade e a vivência dos sujeitos envolvidos. Segundo Moraes (2015), é por meio da observação dos “padrões culturais” que se pode identificar algumas estabilidades, ou descontinuidades, que constituem as conjunturas culturais.

É por meio deste tipo de análise que este trabalho busca compreender a forma pela qual o processo de construção da memória da mulher trata o feminismo por meio da ressignificação da fotografia. Ao detectar as estabilidades e instabilidades nos padrões sociais, é possível identificar os processos de construção de identidades que, conseqüentemente, se tornam parte da construção da memória.

O objeto de análise desta pesquisa é o documentário “Feministas: o que elas estavam pensando”. A obra tem como personagens principais algumas das mulheres fotografadas no livro “Emergence”, publicado em 1977 pela fotógrafa Cyntia Mac Adams.

Como dito anteriormente, as fotos do livro são o ponto de partida para as discussões abordadas pelas mulheres e, por isso, elas se tornam um elemento de análise dentro do documentário.

A obra foi produzida pela Netflix e lançada em fevereiro de 2018 com direção de Johanna Demetrakas. O livro “Emergence”, abordado no documentário, foi publicado em 1977 e nele estão presentes várias fotos de mulheres durante os anos de 1974 a 1977, durante a segunda onda do feminismo nos Estados Unidos. Em 1 hora e 26 minutos, o documentário se propõe a entrevistar essas mulheres, 41 anos depois, com o intuito de discutir – por meio das fotografias e dos relatos delas – o feminismo. Ao todo, o documentário possui 14 personagens que incluem 10 das mulheres fotografadas no livro de Cyntia Mac Adams, como também, 4 mulheres mais jovens, que não estão no livro mas que dão seus relatos a partir das análises das fotografias pela perspectiva do presente.

Foram feitas algumas delimitações dentre as personagens do documentário e três delas foram definidas para serem o foco da análise da pesquisa. Aspectos como raça; etnia; idade e profissão foram considerados para este recorte. As personagens delimitadas foram: Marcy Vaj, Judy Chigago e Margaret Prescott. A primeira foi definida como sujeito de análise por conta do seu contato direto com a fotografia analisado no documentário. Já a definição da segunda se deu pelo fato dela ser uma artista que teve um papel muito importante em práticas artísticas feministas dos Estados Unidos dos anos 1970. Por fim, Margaret Prescott foi delimitada visto sua narrativa de denúncia perante a relação do feminismo com as mulheres negras. Serão analisadas as compreensões que cada uma possui sobre o movimento feminista, a experiência de ser mulher, além dos pontos destacados, ou não, sobre os acontecimentos de suas vidas. O intuito é compreender como se dá o processo de construção da memória delas e, conseqüentemente, a construção da identidade e produções de sentido sobre o feminismo com o decorrer dos anos.

Todos os capítulos de análise estão organizados por quatro conceitos principais: memória, identidade, feminismo e fotografia. Tais conceitos serão analisados em cada capítulo, o que não impede de alguns se destacarem mais nas discussões dependendo do tema do capítulo. Cada um desses três capítulos de análise possuem como foco principal uma personagem do documentário “Feministas: o que elas estavam pensando?”. Elas são o elemento principal da discussão e guiarão a narrativa de acordo com as experiências contadas.

“A Descoberta de si” é o primeiro capítulo de análise e tem como sujeito principal

a violinista e compositora, Marcy Vaj. Ela foi uma das mulheres fotografadas no livro “Emergence” e é uma das mulheres do documentário “Feministas: o que elas estavam pensando?”. Neste capítulo ela é a linha narrativa que aborda a fotografia como forma de pensar a si mesma, visto as reflexões que ela mesma faz sobre a sua foto presente no livro “Emergence”. É levado em conta o seu processo de ressignificação e, conseqüentemente, a temporalidade que o envolve, mas será que é possível perceber padrões e produzir interpretações por meio das reflexões trazidas por Marcy? A análise cultural produz interpretações frente aos elementos do contexto que se apresenta, contudo, será que até a ressignificação de um simples objeto do cotidiano de Marcy, como o seu violino, por exemplo, também pode ser levado em conta para pensar processos tão complexos em relação ao sujeito e a sociedade? Por meio da ressignificação, o intuito é discutir o papel da fotografia como processo comunicativo, adentrando nos conceitos de memória e identidade, mas será que a fotografia pode se tornar um elemento constituinte do processo comunicativo para a descoberta de si?

O segundo capítulo de análise “O feminismo junto à arte” tem como foco os relatos da artista Judy Chigago, personagem do livro e do documentário. Neste capítulo são destacados aspectos de formação da identidade de um grupo e como essa identidade afeta diretamente a memória do sujeito. Até onde vai o papel do outro para a lembrança e o esquecimento das vivências do próprio sujeito? Judy foi definida como personagem principal deste capítulo, pois foi uma das organizadoras de um grupo de prática artística feminista que tinha como intuito ajudar mulheres mais jovens a se tornarem artistas sem ter que se desconectarem de seus impulsos como mulheres. Se a expressão é feita por meio da experiência, como a arte pode se tornar um elemento de afirmação da identidade do sujeito? E qual a importância desta experiência para o processo de construção de identidade do sujeito? A temporalidade e a fotografia surgem como forma de ressignificação sobre suas vivências durante seus relatos, mas qual a diferença que se apresenta entre ser mulher e ser mulher feminista? Quais dilemas percorrem essas duas vivências?

No terceiro capítulo de análise intitulado “Sob a minha pele”, Margaret Prescott é a personagem designada para guiar a narrativa. Ela foi definida visto a complexidade da sua história e do papel social que exerce por ser uma mulher negra. Durante o documentário ela relata sobre sua experiência abordando o feminismo em seus próprios contextos e propondo uma nova forma de pensar a mulher negra dentro do movimento feminista. Quais dilemas percorrem a experiência de Margaret com o feminismo e que levaram-na a repensar a política

feminista? Se a análise cultural propõe produzir interpretações por meio do contexto, como o feminismo se apresenta quando se leva em conta a raça de um sujeito? É preciso levar em conta diversos fatores quando se pensa o “ser mulher”, para que, por meio disso, a discussão sobre o processo de construção de memória e identidade sejam abordados em toda sua complexidade. A partir desta afirmação, o que é ser mulher feminista sob a pele me Margaret?

É por meio de uma proposta teórica metodologia da análise cultural que é possível analisar a materialidade, não a partir do seu conteúdo, mas do contexto e das contradições que percorrem a análise cultural. Ao compreender todas essas indagações que se relacionam com os processos de memória, de identidade e de resignificação que têm como pano de fundo o feminismo, como é possível obter uma conclusão para o questionamento central desta pesquisa por meio da análise de processos constituintes de existências tão individuais como essas?

## 2 A DESCOBERTA DE SI

Marcy Vaj, violinista e compositora, é uma das personagens do documentário “Feministas: o que elas estavam pensando?” A narrativa que Marcy apresenta, durante as quatro cenas em que aparece no documentário, irá guiar toda a análise deste capítulo como forma de compreender seus processos internos de construção de identidade e produções de sentido sobre o feminismo.

Algumas fotografias do livro “Emergence”, de 1970, aparecem na tela seguidas por uma música, em 54 minutos do documentário. As mulheres das fotografias estão nuas, algumas completamente. O telespectador só entende de onde vem o soar da música 35 segundos depois que ela começa. Ele vem do violino de Marcy.

Ela está em pé, numa sala quase vazia, acompanhada apenas por um manequim, um computador, um projetor, uns fios espalhados pelo chão de madeira e uma bateria ao fundo. O ano é 2018. Marcy, de olhos fechados, faz o violino soar notas intensas, mas que não deixam de estar em harmonia umas com as outras. A música está carregada de uma inquietação que se espalha pelo ar à medida que os dedos de Marcy perpassam pelo instrumento.

A música finaliza; o frame é trocado e logo aparece Marcy, 40 anos antes, em seu loft pequeno, completamente nua. As únicas semelhanças que a fotografia em preto e branco possui com a cena anterior é a posição de Marcy e o seu antigo violino, dos anos 70, que está sendo tocado por ela. Com o livro “Emergence” nas mãos, ela vê que, ao lado de sua fotografia, está a foto de outra mulher nua. Marcy diz que, apesar de estar nua também, não é isso que vê quando olha para a sua foto. “Vejo minha intensidade com o violino, vejo a pureza do momento.”<sup>1</sup> (FEMINISTAS, 2018).

Ao se olhar nua por meio da fotografia, ela não descreve os elementos, mas sim, a mensagem por traz. Ela utiliza as suas produções de sentido sobre o mundo e sobre ela mesma. Isso vai de encontro a ideia de que a fotografia adquire características do real, mas não é uma cópia fiel da realidade. Ela está sujeita a ressignificações.

Partindo do pressuposto de que a memória é um fenômeno construído e que, por meio da fotografia possa ser possível ressignificar o passado por meio da compreensão do

---

<sup>1</sup> Minutagem: 55 minutos e 37 segundos de documentário.

presente, de que forma o processo de construção da memória da Marcy trata o feminismo por meio da ressignificação da fotografia?

A análise parte da proposta de que nenhuma imagem é uma representação do real, uma vez que toda imagem, capturada pelas lentes de uma câmera, carrega sentidos e interpretações que devem ser analisadas de acordo com o contexto no qual ela foi produzida. Como aborda Sousa (2002):

A fotografia já foi encarada quase unicamente como o registo visual da verdade. Foi nesta condição que foi adoptada pela imprensa. Hoje, já se chegou à noção de que a fotografia pode representar e indiciar a realidade, mas não registrá-la nem ser o seu espelho fiel. (SOUSA, 2002, p. 13).

O fotógrafo sai do papel de registrador da realidade, por meio de um dispositivo (câmera), tornando-se produtor de uma realidade ao seu ponto de vista, ou seja, ele utiliza elementos da realidade para construir a narrativa fotográfica que deseja, seja por um enquadramento, seja um ponto de foco, seja um desfoque na foto. Por mais que a fotografia utilize a realidade como elemento criativo, ela não pode ser considerada seu espelho fiel, pois essa produção passa por um filtro à compreensão do próprio fotógrafo.

Ao assumir, então, a existência de uma organização intencional dos componentes da imagem, o fotógrafo sai do papel passivo de mero acionador de um dispositivo para assumir posição ativa: ele vai à realidade para descobrir nela o modo, a perspectiva ou o ponto de vista que julgue ser mais adequado para se reportar a ela. A fotografia se configura, assim, como uma forma de escrita e de expressão visual da realidade. (SANTOS, 2009, p. 119).

Existem inúmeras perspectivas pelas quais uma foto pode ser analisada. Por isso, a sua produção de sentido deve levar em conta o contexto e o tempo nos quais a análise se dá. Por exemplo: a análise de uma fotografia produzida na época em que ela foi feita é totalmente diferente da análise concebida anos depois. O sujeito que analisa também deve ser levado em conta. Marcy faz interpretações considerando suas produções de sentido subjetivas perante o mundo, o que não caracteriza a realidade em si.

A análise proposta aqui se estende tanto ao sujeito e seus processos internos de construção de memória, como também, alcança a própria sociedade, uma vez que ambos estão conectados em uma dança contínua de mutações para a construção da memória.

Esses processos internos se articulam por meio do contexto e da temporalidade em que o sujeito se apresenta. O materialismo cultural, que tem ligação direta com o conceito de dialética advinda do materialismo dialético, estuda tais processos. Entretanto, o materialismo cultural faz uma crítica voltada para a cultura em associação com o fator econômico. A economia, para o materialismo cultural, não é um fator determinista, apesar de ser uma determinação social. Nesta perspectiva, a construção analítica só é possível quando o sujeito se apresenta para além desta determinação. A cultura, no materialismo cultural, é uma forma de produzir sentido sobre o mundo, sendo que ele se propõe a estudar a vinculação entre as culturas e as condições materiais de vida e experiências. A arte se torna uma forma de pensar a sociedade e a cultura, um dos fatores dominantes do meio social.

O violino de Marcy, em todas as temporalidades nas quais ele se apresenta, é um dos fatores mais importantes desta análise visto a notoriedade que a própria personagem dá à ele e, conseqüentemente, as ressignificações de suas vivências que ela mesma faz ao longo da narrativa.

A relevância se apresenta no momento em que o violino ultrapassa a ideia de símbolo, no ano de 2018, por meio da ressignificação feita por Marcy, e ganha um significado que vai além de sua representação musical. Ele deixa de ser um símbolo, algo que representa uma coisa para todos, e se torna um elemento de ressignificação para Marcy que parte de suas próprias experiências e produções de sentido sobre o mundo.

É possível perceber a profundidade de pensar passado e presente tendo o violino como elemento principal dessa ressignificação. Quando ele deixa de ser um símbolo, ele explora conceitos já apresentados neste trabalho como: identidade, memória e ressignificação. A partir do momento que ele ultrapassa a linha de símbolo, ele se torna um elemento de modificação e produção de sentido sobre a realidade de Marcy.

Existem várias realidades que o sujeito vivencia ao longo da vida. Elas se apresentam e se modificam, se entrelaçam e se separam ao longo dos anos. Essa em questão, se passa algumas décadas antes da gravação do documentário. Marcy é jovem e está na faculdade, mas nem tudo se apresentava como um mar de rosas. As notas despencavam e a incerteza pairava pelo ar. Já a certeza, por assim dizer, se materializava nas palavras de seu pai sobre o

futuro da filha: “Ela vai acabar se casando mesmo. Não importa.”<sup>2</sup> (FEMINISTAS, 2018).

Anos depois, estas palavras ainda ressoam nos ouvidos apurados da musicista. Essa não era a certeza de Marcy, na verdade, andava bem longe da realidade que ela queria para si mesma. Mas existe uma linha tênue entre o que se quer e a realidade que se apresenta visto as nuances sociais nas quais o sujeito se encontra. Por fim, Marcy trocou a faculdade de medicina por um marido e esse foi o início de uma fase tenebrosa de sua vida.

Marcy se viu no ápice da depressão. Em pé no quarto, um lençol a cobria por inteiro, enquanto inúmeros pensamentos passavam pela tela de sua mente. Lá no fundo, uma voz falava: “Essa não sou eu. Não posso viver assim. Preciso fazer alguma coisa.”<sup>3</sup> (FEMINISTAS, 2018). Tal solidão narrada por ela se apresenta também no contexto contemporâneo. Quantas mulheres não se reconhecem nesse mesmo estado nos dias atuais? Marcy falava consigo mesma e este foi o início da descoberta de si.

Quando se observa tais inquietações é possível questionar sobre o verdadeiro significado do ser mulher. Se o que é pré-estabelecido socialmente como mulher (casar, ter filhos, cuidar da casa, etc.) não é reconhecido por mulheres como Marcy, o que é ser mulher, afinal?

A partir destes questionamentos, é possível perceber um elemento importante desta análise: a identidade. Na primeira vez que Marcy cita sobre si mesma, ela relembra um acontecimento do passado, no qual afirmou que não sabia quem era. A partir do momento em que ela nega ser algo, ela começa a trilhar um caminho de encontro a sua identidade. Ao narrar essa ideia, ela marca um elemento fundamental do conceito de identidade: a diferença.

A identidade não é algo concreto, mas sim, um processo de articulação que leva em conta o contexto social e o tempo no qual ela é articulada. Ela pode ser determinada a partir do exercício da negação, ou seja, por meio do que ela não é. A identidade, para existir, depende de algo que está fora dela, a comparação é inevitável. “A identidade é, assim, marcada pela diferença.” (WOODWARD, 2014, p. 9).

É possível refletir sobre o processo de construção da identidade de maneira mais profunda. Ao reafirmar uma identidade do presente, com base em acontecimentos do passado,

---

<sup>2</sup> Minutagem: 35 minutos e 13 segundos de documentário.

<sup>3</sup> Minutagem: 35 minutos e 21 segundos de documentário.

o sujeito tende a produzir uma identidade por meio da ressignificação. “Assim, essa redescoberta do passado é parte do processo de construção da identidade.” (WOODWARD, 2014, p. 12).

A partir do pressuposto de que, quando se fala sobre a memória herdada e no papel que ela corresponde para a construção da memória do sujeito, é possível afirmar que existe uma grande ligação entre a memória e a identidade.

A construção de identidade de Marcy se relaciona com um elemento importante para a análise que será abordado mais pra frente neste capítulo. Este elemento está diretamente vinculado ao que Marcy diz de si mesma, direta ou indiretamente, como forma de salvaguardar o sentimento de pertencimento e afirmar uma determinada ideologia. Esses relatos sobre si são moldados por meio do enquadramento de sua narrativa, que é determinado por seus interesses e pelo desejo de manutenção da sua própria identidade.

No caso da memória individual, esse enquadramento pode ser notado por meio de relatos orais. A variação de versões sobre um determinado fato, a entonação da voz e, até mesmo, o “não-dito” caracterizam a construção da identidade do sujeito. Sobre isso, Pollack (1989) diz:

Essas características de todas as histórias de vida sugerem que estas últimas devem ser consideradas como instrumentos de reconstrução da identidade, e não apenas como relato, factuais. Por definição reconstrução a *posleriori*, a história de vida ordena acontecimentos que balizaram uma existência. Além disso, ao contarmos nossa vida, em geral tentamos estabelecer uma certa coerência por meio de laços lógicos entre acontecimentos chaves (que aparecem então de uma forma cada vez mais solidificada e estereotipada), e de uma continuidade, resultante da ordenação cronológica. Através desse trabalho de reconstrução de si mesmo o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros. (POLLAK, 1989, p. 13).

Ao falar sobre as próprias experiências e, conseqüentemente, sobre si mesma, Marcy traz à tona um assunto presente em toda a narrativa do documentário: a identificação com o feminismo.

Toda relação humana é uma espécie de contrato. Existem alguns termos determinados pelas partes interessadas para que tudo se articule como deve ser. A reciprocidade é um desses termos – se não o mais importante – para o bom funcionamento da engrenagem de uma relação. Mas quais questionamentos podem vir à tona caso essa reciprocidade não seja

atendida? Tais indagações começaram a se apresentar a partir das experiências de Marcy em suas relações de amizade. Em certo momento, ela começou a se sentir mais próxima de suas amigas, do que elas de Marcy. Isso seria apenas fruto de um simples abalo da amizade jovem ou algo um pouco mais complexo? Marcy não conseguia entender o porquê dessa diferença.

Ao folhear um exemplar da revista “Free Press” com diversos anúncios estampados pelas páginas amareladas, Marcy viu, quase que escondido, um anúncio que dizia: “Grupo de conscientização de mulheres.” Prontamente, anotou o endereço. “Acho que até dizia lésbicas.”<sup>4</sup>(FEMINISTAS, 2018). Na época, ela nem sequer conseguia verbalizar tal palavra.

Ao chegar no endereço de encontro do grupo, sentou-se em uma cadeira qualquer, cruzou as pernas e se viu totalmente apavorada enquanto tentava entender o que tudo aquilo queria dizer. Aos poucos, Marcy foi compreendendo e se identificando com o que era dito e, ao frequentar o grupo de conscientização para mulheres, o sentimento de pertencimento crescia em seu peito. Neste momento é possível perceber que a aproximação com o grupo anterior de amigas se dissociava, enquanto a identificação com o grupo de conscientização tomava lugar. A partir daí, Marcy começa a problematizar os papéis sociais impostos a ela e questionar o que é ser mulher.

As concepções de mundo variam de sujeito para sujeito devido a diversos fatores sociais decorrentes de cada vivência, sendo assim, isso se estende às mulheres enquanto sujeitos históricos.

Um problema político, apontado por Butler (2020), é o da suposição de que o termo “mulheres” se refere a uma identidade comum, como se todas as mulheres se encaixassem, ou se identificassem, no parâmetro denominado como “mulher”. Segundo ela, a problemática é instaurada quando a pluralidade das identidades do sujeito é negada. Isso faz com que o sujeito seja reduzido a uma coisa só. “Se alguém “é” uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é.” (BUTLER, 2020, p. 21).

Quando Marcy começa a perceber algumas diferenças entre ela e suas amigas, por se sentir mais próximas delas, como relata aos 52 minutos de documentário, ela procura os grupos feministas. Ela encontra o grupo de conscientização de mulheres e começa a entrar em contato com vivências mais parecidas com as dela. Segundo relata Marcy, quando foi ao grupo,

---

<sup>4</sup> Minutagem: 52 minutos e 40 segundos de documentário.

ficava tentando entender o que tudo aquilo significava. “Elas conversavam, falavam sobre sentimentos. Pensei: são apenas humanas.”<sup>5</sup> (FEMINISTAS, 2018). Aqui, ela entra em contato com a identificação.

Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992. p. 204).

É por meio do contato com esse grupo que Marcy começou a entender que o que ela passava – a questão do casamento que a levou a abandonar a faculdade e toda a tristeza que isso lhe ocasionou – não acontecia apenas com ela, era uma construção social. Ela começa a entender o mundo perante a ótica do feminismo e se descobre como sujeito histórico, pois só é possível ressignificar uma vivência se o sujeito se vê desta forma. É assim que o sentido da identidade se apresenta: por meio dos acontecimentos do passado é possível rememorar uma vivência e se perceber mulher dentro da sociedade. Aquilo que não era importante se tornou uma forma de se conhecer.

No passado, a partir do momento em que a Marcy se vê como um sujeito histórico e percebe que os papéis que exercia eram impostos a ela por uma conjuntura social machista (casar, ter filhos, ser uma boa mãe, etc.), ela nota que certos problemas que se caracterizavam como pessoais eram, na verdade, coletivos. Ela começa a questionar a própria realidade e trilhar um novo caminho.

Anos depois, quando recorda de tais momentos que foram cruciais para as tomadas de decisões que a levaram a ser quem é, ela usa o violino como elemento de ressignificação de suas vivências e produção de novos sentidos sobre a sua realidade.

Na quarta e última vez que Marcy Vaj aparece no documentário, sua participação inicia da mesma forma que a primeira narrada neste capítulo. Entretanto, a música, que soa pelo cômodo em que a filmagem aconteceu, carrega um significado diferente do da última vez. O entoar da melodia traz uma ideia de movimento, algo que não está parado, mas sim, em constante mudança.

Enquanto a música ainda está sendo ouvida pelo telespectador, Marcy volta a uma

---

<sup>5</sup> Minutagem: 52 minutos e 47 segundos de documentário.

memória de anos atrás. No passado, o violino era algo que os pais dela queriam que ela tivesse quando fosse dona de casa e criasse os filhos. Mas, com o decorrer dos anos, Marcy foi percebendo algo diferente e: “O violino era eu mesma, desde o começo.”<sup>6</sup> (FEMINISTAS, 2018). Neste momento, Marcy ressignifica sua fotografia do livro “Emergence” e, conseqüentemente, dá novos significados a si mesma e ao próprio feminismo, uma vez que ele foi a maneira pela qual ela começou a se descobrir. Em suas próprias palavras: “Aquela foto minha sou eu quando comecei a ouvir minha voz interior.”<sup>7</sup> (FEMINISTAS, 2018). A ideia de movimento que a música, tocada ao fundo do seu depoimento, transmite se aplica aqui: o processo de construção da memória de Marcy, que acontece por meio da ressignificação da fotografia, traz novos elementos sobre sua própria identidade e sobre o feminismo.

O último relato de Marcy foi filmado ainda em primeiro plano. Entretanto, quando ela aparece tocando o violino, a filmagem é feita em plano geral. Marcy faz sua última participação na obra cinematográfica, em 1 hora e 11 minutos, relatando sobre o sucesso alcançado em sua carreira. Enquanto termina, lentamente, a música que estava tocando em seu violino, ela deixa o telespectador com a sensação de algo que se finaliza, um círculo que se fecha.

Quando ela fala que o violino, no passado, foi algo que os próprios pais imaginaram para ela quando fosse dona de casa e, logo após, diz que aos poucos ela foi percebendo que este mesmo violino, no presente, era ela mesma desde o começo, ela rememora uma lembrança do passado e a ressignifica por meio do que ela se tornou. Ela rememora essa vivência por conta do contexto em que vive, da música e da sua carreira.

A lembrança individual tem relação direta com o convívio social e contribui para a construção de memória de outros sujeitos, pois “[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós.” (HALBWACHS, 1990, p. 26).

As experiências individuais, só o sujeito viveu. Entretanto, a seleção das lembranças individuais que serão rememoradas, advém de estímulos dos grupos sociais que o sujeito está inserido. Por meio disso, compreende-se a importância da sintonia entre a memória individual

---

<sup>6</sup> Minutagem: 1 hora, 10 minutos e 30 segundos de documentário.

<sup>7</sup> Minutagem: 1 hora, 10 minutos e 54 segundos de documentário.

e a memória coletiva no processo de rememoração. Além da simpatia do sujeito com o grupo social no qual ele está inserido.

Outro elemento que instiga Marcy a rememorar a lembrança sobre seus pais em relação ao violino, é a sua fotografia do livro “Emergence” que, por meio dos acontecimentos do presente, ressignifica não apenas a foto, mas também, sua própria identidade. Ela diz que a foto era ela mesma quando começou a escutar a própria voz.

A dimensão da cultura, no caso da Marcy Vaj, se apresenta como uma forma de produção de sentido sobre o mundo. No presente, o violino ultrapassa a dimensão profissional (símbolo) e passa a ser um elemento da produção de sentido da personagem frente ao mundo. Ele é ressignificado e, a partir da sua perspectiva de mundo, ele se torna ela dentro da sociedade.

Em 2018, Marcy percebe que o violino da fotografia de 1970 representa ela mesma quando começou a escutar a sua voz interior, ele representa a atitude de revolução que advém da produção de sentido sobre o mundo a partir do momento em que o sujeito se vê como sujeito histórico. Aqui, violino não se apresenta como um objeto literal, mas como elemento de ressignificação por meio das vivências pessoais da personagem. Ele deixa de ser um símbolo profissional e começa a adentrar em camadas internas (micro), mas que não deixa de representar as camadas externas sociais (macro). Isso tem relação direta com a questão da nudez abordada durante o documentário. O corpo da mulher deixa de ser um símbolo sexual e se torna um elemento de produção de sentido do próprio sujeito.

Como já foi dito anteriormente, a cultura é uma forma pela qual é possível produzir sentidos sobre o mundo. Trazendo para uma análise mais complexa, o violino, em todas as suas temporalidades, se apresenta como elemento de pensar a sociedade como um todo. No passado, o violino era algo que já estava posto para Marcy como forma de escapatória, uma solução que seus pais tiveram como forma dela passar o tempo enquanto fosse mãe. No presente, a partir do momento em que ela ressignificou esse “símbolo”, ele se tornou um meio de alcançar a libertação.

É possível ainda utilizar o violino como elemento de analogia da primeira e segunda onda do feminismo. A primeira onda feminista, no início do século XX, que reivindicava direitos iguais de cidadania, como o direito à educação, direito à propriedade, direito a posses de bens e direito ao divórcio, foi de grande importância para o começo das práticas e estudos feministas. Já na década de 1970, as mulheres estavam problematizando outras práticas sociais

relacionadas às desigualdades culturais e políticas que diziam respeito à sexualidade, à família e ao mercado de trabalho. Como forma de conquistar ainda mais autonomia, nesta segunda onda, as mulheres buscavam compreender que os aspectos pessoais de suas vidas eram reflexo das estruturas de poder sexistas.

A representação do violino, que os pais de Marcy pensavam para ela, se caracteriza como essa primeira onda feminista: era uma forma de revolução (escapatória) mas não se limitava apenas a isso. Já a resignificação que Marcy faz, anos depois, sobre a produção de sentido inicial do violino, representa a segunda onda: ela possui elementos referentes às ideias de seus pais, entretanto, Marcy os resignificou (incluiu outros elementos) como forma de produzir novos sentidos sobre o mundo.

A segunda onda do feminismo se baseou em elementos da primeira onda, mas não ficou somente nisso. Esta nova onda resignificou todas as ideias anteriores como forma de promover novas reflexões sobre a realidade. Por isso, para Marcy, o feminismo é uma forma de revolução, assim como o seu violino.

### 3 O FEMINISMO JUNTO À ARTE

Olhar-se por meio de uma fotografia, de anos atrás, pode desencadear uma série de sentimentos, memórias e, claro, ressignificações. É isso que acontece com Judy Chicago – mulher, artista e feminista. No primeiro momento, ao olhar para a foto de si mesma, no livro “Emergence”, o comentário que rompe o silêncio de sua contemplação é uma simples afirmação do poder do tempo sobre o ser humano: “Nossa como eu era jovem.”<sup>8</sup> (FEMINISTAS, 2018). A interpretação de Judy sobre sua foto vai além do comentário sobre sua aparência, mas perpassa por camadas mais complexas que dizem respeito a sua identidade, sua memória e a sua forma de enxergar o feminismo.

Na foto em questão, Judy está 40 anos mais jovem, no início de sua jornada como artista. Entretanto, a análise que será feita não se comprime apenas a um espaço temporal, mas leva em conta todas as outras vivências que ela mesma apresenta durante sua narrativa. Ao compreender todos esses processos, e articulações de memória e identidade da personagem, é possível chegar ao ponto central da análise desta pesquisa: “De que forma o processo de construção da memória da mulher trata o feminismo por meio da ressignificação da fotografia?”

Em 20 de julho de 1939, nascia Judy Chicago. Os anos se passaram e ela crescia em um ambiente familiar com um forte viés político, que acreditava nos direitos iguais para homens e mulheres. Para uma criança de sua geração, ela teve uma experiência incomum: ter um pai presente.

Quando não estava brincando com a filha, o sindicalista Arthur Cohen a ensinava sobre o mundo, sobre as pessoas e sobre os seus valores. Foi dele que Judy adquiriu a paixão pela mudança e pelo novo. Ele a ensinou que ela poderia confiar em um homem, ele entregou para Judy a esperança de um mundo melhor. Como o fato de crescer em um lar que lhe dizia que ela poderia ser o que quisesse influenciaria em sua produção de sentido sobre o mundo numa sociedade machista?

Quando ela tinha seis anos, o FBI visitou sua casa, seu pai foi retirado à força do trabalho, demitido dos correios e expulso do sindicato. “Ele foi uma vítima de McCarthy<sup>9</sup>,

---

<sup>8</sup> Minutagem: 6 minutos e 50 segundos de documentário.

<sup>9</sup> Joseph McCarthy foi um político norte-americano do estado de Wisconsin entre 1947 e 1957. Ele propôs uma política sistemática de combate às ideias comunistas nos Estados Unidos que ficou conhecida como macarthismo e que teve sua atuação na década de 1950, no contexto de Guerra Fria. O objetivo da proposta era o de impossibilitar o crescimento de movimentos populares nos Estados Unidos, com censura política e cultural a

durante os anos 50”<sup>10</sup> (FEMINISTAS, 2018). Depois disso, ela assistiu seu pai caminhar por uma estrada de declínio físico e emocional e, aos 13 anos, o viu chegar ao final dessa jornada.

A memória deve ser tratada como uma construção além do âmbito individual e coletivo, pois a lembrança individual tem relação direta com o convívio social e contribui para a construção de memória de outros sujeitos. Retomando o conceito de memória, segundo Halbwachs (1990): “Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós.” (HALBWACHS, 1990, p. 26).

É possível afirmar que parte da nossa memória não foi concebida apenas por experiências pessoais, mas sim, por acontecimentos e/ou fatos referentes ao grupo social que pertencemos. O processo de construção da memória de Judy não está apenas limitado aos momentos que viveu em família, mas também, está condicionada ao cenário dos Estados Unidos nos anos 1950.

“Eu tive que enfrentar o mundo me dizendo que meu pai era uma pessoa horrível, mas essa não era minha experiência”<sup>11</sup> (FEMINISTAS, 2018). Com apenas 13 anos, ela teve que fazer uma escolha entre acreditar no que o mundo dizia ou em sua própria vivência. Esse é um ponto interessante para ser abordado como parte de toda esta análise: o que estava pré-estabelecido para Judy e a sua experiência. Isso porque a produção de sentido do sujeito sobre o mundo só acontece por meio da sua própria experiência. É neste ponto que se dá a importância das vivências de Judy para a produção de sentido que ela tem sobre o mundo e que, conseqüentemente, se torna um dos elementos da criação da sua arte.

Pollak (1989) discute sobre a importância de tratar os fatos sociais como construção advinda do processo de construção da memória. Ele aborda a disputa entre “memórias subterrâneas” – memórias sem grande visibilidade social marcadas pelo silêncio – e “memórias oficiais” – memórias com grande notoriedade.

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das

---

qualquer iniciativa que fosse, ou parecesse, comunista. O sindicalismo, sobretudo os que tinham viés de esquerda, foram os grandes alvos dessa política.

<sup>10</sup> Minutagem: 14 minutos e 52 segundos de documentário.

<sup>11</sup> Minutagem: 15 minutos e 25 segundos de documentário.

minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "memória oficial", no caso a memória nacional. (POLLAK, 1989, p. 4).

A “memória subterrânea” de Judy – vivência com seu pai – era diferente do que a “memória oficial” – macarthismo – lhe dizia. Foi a memória, advinda da experiência, que construiu toda a sua produção de sentido sobre o mundo. Percebe-se a importância que Pollack (1989) cita sobre tratar os fatos sociais como construção advinda do processo de construção da memória e o papel que esse processo tem na construção da identidade do sujeito e de todo um grupo social. A importância dessas “memórias subterrâneas” se estende ao fato de que elas não têm data de validade, elas se caracterizam como algo em contínua evolução, que está sujeita a novas ressignificações. É algo que não se finda.

A atitude que ela teve, ainda aos 13 anos, de contestar o que o mundo lhe dizia, e refletir sobre a própria experiência, serviu de combustível para a jornada de legitimação de sua identidade e, conseqüentemente, da construção de sua leitura de mundo por meio da arte. O mundo lhe falava que não poderia ser quem ela era (mulher e artista). Isso porque a posição do gênero masculino, dentro de uma sociedade machista, é hierarquizada. Pela experiência de Judy, não era essa leitura de mundo que ela vivenciou como mulher. Sua experiência afirmava uma produção de sentido pelo ponto de vista do gênero feminino. Ela vai contra o que está pré-estabelecido e, por meio de sua arte, apresenta ao mundo uma leitura da realidade diferente da que predominava. Quando Judy toma consciência de que aquela leitura de mundo não dizia respeito a sua própria experiência, ela luta contra o que está pré-estabelecido, como forma de legitimar quem era. Aqui, se apresenta a importância da experiência – tanto para Judy mais nova, como para Judy mais velha – para a autonomia do sujeito.

Anos depois da morte de seu pai, Judy está na universidade. Na sala de aula, composta em sua maioria por homens, ela ergue a mão a fim de sanar uma dúvida sobre o tema da aula de filosofia. Nada. Será que Judy está invisível? Ela sabe que não. Ela também sabe que o professor não se dirige a ela por ela ser uma mulher. Mas Judy não pode falar sobre isso. “Se eu tentasse falar, as pessoas diriam: O que você é? Sufragista? E, claro, a imagem das sufragistas era daquelas velhas antiquadas que criavam problemas.”<sup>12</sup> (FEMINISTAS, 2018).

---

<sup>12</sup> Minutagem: 7 minutos e 10 segundos de documentário.

É perceptível a perspectiva que ela traz quando reconhece que está sendo negada como sujeito. Isso porque existe uma diferença entre ser uma mulher e ser uma mulher feminista, pois a perspectiva e as produções de sentido sobre o mundo são distintas. Neste cenário, Judy não era uma feminista radical, ela apenas queria ser respeitada como mulher, uma posição diferente da que ela se encontra anos depois. Que dilemas percorrem a ideia do ser mulher numa sociedade machista? Talvez foram esses dilemas que plantaram a semente da inquietação que crescia dentro de Judy.

Após formada, ela saiu em busca do seu reconhecimento como artista. A forma que encontrou de tentar driblar o machismo da época foi adotar uma atitude que a encaixasse na sociedade: uma atitude na perspectiva do gênero masculino. Por conta da hierarquização dos gêneros, o que predomina é a leitura de mundo por meio desta perspectiva. Entretanto, não é apenas a figura do homem cis<sup>13</sup> que é posta como maioral perante todas as outras, mas também, as diferentes leituras de mundo das identidades de gêneros<sup>14</sup> existentes. O que predomina é a leitura de mundo do homem cis e, na arte, isso não é diferente.

Depois de décadas de atividade profissional no Sul da Califórnia, Judy se viu cansada: “Eu não aguentava mais tentar agir como homem, pintar como homem, não ser eu mesma como mulher.”<sup>15</sup> (FEMINISTAS, 2018). O que ela desejava aqui era ser uma artista mulher respeitada e não ter que negar a própria identidade como forma de alcançar este respeito. “Eu estava ficando irritada de ouvir que eu não poderia ser uma mulher artista.”<sup>16</sup> (FEMINISTAS, 2018).

É sabido que a identidade é marcada pela diferença e é possível analisar esse processo de diferenciação da identidade dentro do próprio sujeito. A partir do momento que Judy se viu diferente e percebeu que sua identidade como mulher estava sendo negada, ela busca sair da determinação social (hierarquização dos gêneros) para ir de encontro a sua identidade como mulher artista.

A identidade é marcada pela diferença, mas parece que algumas diferenças são vistas como mais importantes que outras, especificamente em lugares particulares e em momentos particulares. (WOODWARD, 2014, p. 11).

---

<sup>13</sup> Uma pessoa nasceu com o órgão sexual masculino e se identifica com o gênero masculino.

<sup>14</sup> Transgêneros, cisgêneros e não-binários.

<sup>15</sup> Minutagem: 42 minutos e 37 segundos de documentário.

<sup>16</sup> Minutagem: 42 minutos e 53 segundos de documentário.

O movimento feminista se tornou protagonista na busca de Marcy pela sua identidade como mulher artista. Na época do seu conflito identitário, ela se deparou com um pouco de literatura feminista radical na Nova York dos anos 1970 e, claro, ressoava com tudo o que Judy sentia: cansaço, irritação e raiva. Ela não queria mais ouvir que ela não poderia ser uma mulher artista enquanto assistia os homens avançando e obtendo sucesso. Foi neste momento que ela percebeu o déficit de informação na história das mulheres, na arte das mulheres, nas experiências das mulheres e no diálogo cultural. “Mas, para mudar isso, tinha que desobedecer.”<sup>17</sup> (FEMINISTAS, 2018).

Se a hierarquização dos gêneros é uma determinação social, mas que não se configura como um fator determinista, o que é fazer arte como mulher? A identidade, para existir, depende de algo que está fora dela, a comparação é inevitável. O exemplo que Judy tinha na arte, era a leitura de mundo pela perspectiva do gênero masculino. Quando ela entra em contato com essa perspectiva dominante, percebe que é diferente da dela, por conta de sua experiência. Para descobrir o que é pintar como mulher, ela teve que descobrir o que não era pintar como mulher. Foi por meio da diferença que ela encontrou sua identidade e, conseqüentemente, a resposta para o seu questionamento: fazer arte como mulher é apresentar uma leitura de mundo na perspectiva do ser mulher. Foi na busca pela resposta deste questionamento que Judy decidiu criar uma prática artística feminista. “Se eu ajudasse as mulheres jovens a aprender a serem artistas profissionais, sem ter que se desconectar de seus impulsos como mulheres, talvez eu conseguisse reencontrar a própria voz.”<sup>18</sup> (FEMINISTAS, 2018). Na angústia de não saber o som da própria voz, Judy materializou seu grito.

“Womanhouse” foi a primeira exposição pública de arte feminista. Era o espaço de um antigo casarão que foi reformado para se tornar um ambiente de instalação e performance de arte feminista. Judy Chicago e Miriam Schapiro, co-fundadoras do Programa de Arte Feminista do Instituto de Artes da Califórnia, foram as organizadoras. A exposição foi vista por 10.000 espectadores. “Os homens tinham a experiência de ver pelo nosso ponto de vista.”<sup>19</sup> (FEMINISTAS, 2018).

---

<sup>17</sup> Minutagem: 1 hora 18 minutos e 15 segundos de documentário.

<sup>18</sup> Minutagem: 43 minutos e 30 segundos de documentário.

<sup>19</sup> Minutagem: 44 minutos e 22 segundos de documentário.

Judy Chicago, Miriam Schapiro, alunos, colaboradores e artistas mulheres da comunidade local, trabalharam juntos para construir um espaço onde a leitura de mundo da mulher fosse apresentada aos espectadores. Judy também liderava *workshops*<sup>20</sup> e apresentações teatrais que tinham como linha narrativa a vivência de mulheres.

Na sala de estar da “Womanhouse”, dois personagens se apresentavam, cada qual vestindo fantasias dos genitais, um do sexo masculino e um sexo feminino. “Ele” justifica que, pela falta de pênis “dela”, ela precisaria lavar a louça. “Cock and Cunt”, a peça em questão, de Judy Chicago, mostra como ideias essencialistas sobre o corpo da mulher cis colaboram para a afirmação de sua atuação doméstica, demonstrando os desdobramentos de tal estereótipo.

O que Judy faz, no decorrer da narrativa desta peça, é apresentar uma situação cotidiana de uma relação entre um homem cis e uma mulher cis, fazendo uma crítica sobre a leitura de mundo hierarquizada sobre o corpo da mulher. Ao fazer esta crítica, ela apresenta o mundo pela perspectiva da mulher, utilizando a arte como forma de efetivar sua produção de sentido.

A cultura se apresenta como forma de produzir sentido sobre o mundo, mas não apenas isso, ela se apresenta como uma possibilidade de romper com a leitura de mundo hierárquica. Se para Judy, a arte se apresenta como uma forma de expressão da perspectiva do ser mulher sobre o mundo, o que o feminismo é para ela, uma vez que ele faz parte da sua arte?

Se fazer arte como mulher é apresentar uma leitura de mundo na perspectiva do ser mulher, fazer arte como mulher feminista é diferente, pois as produções de sentido de uma para outra são distintas. “Womanhouse” é a materialização da arte feminista, visto o seu caráter de combate às práticas machistas. Fazer arte como mulher feminista diz respeito a leitura de mundo sob uma perspectiva de confronto ao machismo. Ser mulher, artista e feminista é desobedecer.

A construção política do sujeito feminista se baseia entre o que é e o que não é. Entretanto, a crítica feminista deve compreender que a construção deste sujeito carrega consigo a repressão característica das estruturas de poder que ele busca libertação. Em outras palavras, a busca por representação leva à construção do sujeito e à negação da individualidade dele mesmo. Por isso, segundo Butler (2020), não basta apenas problematizar como as “mulheres”

---

<sup>20</sup> Reunião de um grupo de indivíduos com o objetivo de estudar ou praticar alguma atividade.

são representadas na sociedade, é necessário compreender a construção e a representação do sujeito feminista dentro do movimento.

Na busca pela própria autonomia, Judy percebe que estava negando sua própria identidade ao tentar agir como homem, e então, decide partir em busca de sua identidade como mulher por meio da arte. Para isso, ela utilizou a representação de si mesma como forma de conquistar sua identidade. Ela materializou quem era para se conhecer.

É preciso questionar as representações que um sujeito faz para outro. Mas o que acontece quando o sujeito faz uma representação para si como forma de buscar a própria identidade? Quando a representação é uma tomada de consciência de si para si, ela é efetiva? A representação para Judy foi a maneira que ela encontrou de conhecer a própria identidade, de ouvir a própria voz. Se o sujeito utiliza a representação como forma de estar cara a cara consigo mesmo, ela é efetiva para ele, pois quando um sujeito produz uma representação, ela parte da leitura de mundo dele mesmo. A representação de Judy é efetiva para ela, porque ela parte da experiência dela. Ao produzir obras que refletem sua própria leitura de mundo, Judy começa a escutar sua própria.

Certo dia, um dos curadores do Museu de Arte Moderna, e outro do Metropolitan, falaram para Judy que buscavam trazer trabalhos de mulheres para o comitê de aquisições. “Eles tiveram, na verdade, algum sucesso, desde que a obra fosse pequena.”<sup>21</sup> (FEMINISTAS, 2018). Existia sim a possibilidade de espaço para mulheres na arte, mas, para Judy, ainda não era o suficiente.

A instalação “The Dinner Party” de Judy Chicago foi exibida pela primeira vez em 1979. Ela é considerada a primeira grande obra feminista épica, tanto pela proporção, como pelo número de mulheres que ela celebra: 1037 no total.

“The Dinner Party” é uma história simbólica que representa a luta pela preservação da identidade da mulher que foi materializada em um banquete cerimonial. A mesa em forma de um triângulo equilátero possui 39 lugares, 13 lugares em cada lado do triângulo. A obra de Judy é uma releitura do episódio bíblico, a Última Ceia, importante na tradição cristã e que apenas homens estiveram presentes, 13 mais especificamente.

---

<sup>21</sup> Minutagem: 1 hora, 15 minutos e 41 segundos de documentário.

O primeiro lado da mesa faz referência às Deusas, desde a pré-história até o império romano. O segundo lado trata da época do cristianismo, terminando na reforma industrial. O terceiro, por fim, representa a era das revoluções. No lugar disposto para cada uma das 39 mulheres, está um prato de porcelana, pintado à mão. Os pratos mostram uma vulva de cores que representam cada uma das mulheres homenageadas.

“Vejam esse lixo. Agora temos arte pornográfica. Arte cerâmica tridimensional da região vaginal de 39 mulheres, seus genitais servidos em pratos em uma sala inteira. Sou poeta e me preocupo com isso, pois não é arte. É pornografia.”<sup>22</sup> (FEMINISTAS, 2018). Esta é uma crítica do ex-membro da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos, Robert K. Dornan sobre a instalação de Judy Chicago. É possível perceber a hierarquização da leitura de mundo por meio da arte. Quando Judy confronta a determinação (hierarquização de gênero) ela alcança a própria identidade. E o que ela vê?

No período em que o “The Dinner Party” era difamado, Judy visitou o túmulo de seu pai pela primeira vez. “Eu lhe disse que tinha mentido para mim. Ele disse que eu podia ser eu mesma e ser amada.”<sup>23</sup> (FEMINISTAS, 2018). Judy chegou ao final de uma longa jornada em busca de sua própria voz e percebeu que continuava sendo negada. A que preço, então, ela poderia afirmar a própria identidade, se os outros não aceitavam? Mais uma vez Judy se depara com dois cenários: o que o mundo lhe diz e o que ela experienciou e, como antes, ela dá ouvidos a sua vivência, pois a experiência é o combustível que alimenta a produção de sentido do sujeito sobre o mundo.

Por meio do “The Dinner Party” Judy traz uma problemática advinda da reflexão que fez em todos os momentos em que sua identidade foi negada. Ela utiliza a arte como forma de produzir sentido sobre o mundo por meio de suas experiências. A instalação simboliza a possibilidade da contemplação do mundo pelo olhar feminino, é uma antítese do episódio que Judy viveu na sala de aula em sua faculdade. Aqui, existe uma sala em que mulheres estão sendo vistas, aplaudidas e homenageadas. Ela afirma sua identidade que, outrora, lhe foi negada.

Por meio da produção de sentido, e com base em acontecimentos do passado, Judy ressignifica sua experiência e apresenta uma abertura para as várias leituras de mundo,

---

<sup>22</sup> Minutagem: 1 hora 16 minutos e 34 segundos de documentário.

<sup>23</sup> Minutagem: 1 hora 17 minutos e 18 segundos de documentário.

afirmando a própria identidade. Aqui, ela não busca uma forma de silenciar a perspectiva do gênero masculino, mas sim, apresenta a leitura de mundo pelo olhar do ser mulher. “Os homens têm a chance de se tornarem público do olhar feminino do mesmo modo que as mulheres foram públicas para o olhar masculino por séculos.”<sup>24</sup> (FEMINISTAS, 2018).

No momento que compreende-se a memória como mecanismo vivo de reflexão sobre os processos sociais, é possível discutir, por meio de uma análise mais profunda, sobre o seu papel na construção da identidade do sujeito. Anos após o início de sua carreira, Judy ressignifica a própria trajetória, por meio de uma lembrança. Ela lembra que anos após a primeira exibição do “The Dinner Party”, seu amigo, o curador Xabier Arakistain, veio com a premissa de que a carreira da colega pode ser entendida em torno de dois conceitos: déficit e desobediência.

Como já foi dito anteriormente, quando jovem, Judy percebeu o déficit de informação na história das mulheres, na arte das mulheres, nas experiências das mulheres e no diálogo cultural. Ao perceber isso, ela começa a trilhar um caminho em busca da mudança, assim como seu pai lhe ensinou. Aqui, o ambiente familiar de Judy se apresenta como elemento de ressignificação do seu processo de construção de identidade.

A cultura intervém, não apenas nas ideologias do sujeito, como também, na construção de sentido dos grupos sociais. Entretanto, as repercussões culturais, ao alcançarem tais grupos sociais, se relacionam também com as produções de sentido dos sujeitos pertencentes a esses grupos. A partir da ideia de que, quando se trata sobre a memória herdada e na atribuição que ela representa para a construção da memória do sujeito, é possível afirmar que existe uma grande ligação entre a memória e a identidade. A produção de sentido que Judy faz sobre o mundo é decorrente da ressignificação de suas memórias dentro de um determinado contexto e grupo social. Essas ressignificações são feitas num processo contínuo de construção de memória e identidade. “Assim, essa redescoberta do passado é parte do processo de construção da identidade.” (WOODWARD, 2014, p. 12).

O conceito de identidade se relaciona com os estudos culturais uma vez que o seu processo de construção leva em conta o fator simbólico e social. Tal processo sofre articulações por conta do contexto social no qual ele é feito e, por isso, o ambiente familiar de Judy tem relação direta com o seu processo de construção de identidade. Ao ressignificar as vivências de

---

<sup>24</sup> Minutagem: 44 minutos e 30 segundos de documentário.

dentro de seu contexto familiar, Judy produz sentido sobre o mundo quando afirma a própria identidade com base nas experiências do passado.

Para mudar o cenário de negação da sua identidade e fazer com que as mulheres artistas pudessem produzir sentido sobre o mundo por meio da cultura, sendo notadas por isso, ela teve que desobedecer. Judy utiliza sua arte como forma de combater práticas machistas e legitimar sua própria identidade. A desobediência faz parte dos dilemas de se fazer arte como mulher sob uma perspectiva de confronto ao machismo. “Eu fui uma mulher muito desobediente.”<sup>25</sup> (FEMINISTAS, 2018). Aqui, o processo de construção da identidade de Judy se apresenta quando ela afirma sua identidade do presente com base nos acontecimentos do passado.

A arte de Judy, feita por meio da sua leitura de mundo, é a materialização de sua própria identidade. “Womanhouse” marca o início dessa jornada de autoconhecimento e legitimação da identidade que continua sofrendo mutações no decorrer dos anos, pois a construção dela é um processo de articulação que leva em conta o contexto social e o tempo no qual ela é articulada. Anos após o início de sua jornada em busca da própria voz, Judy se vê no lugar que imaginou: expressando a sua leitura de mundo por meio da arte, ao mesmo tempo que encontra consigo mesma por meio dela. Na época em que o “The Dinner Party” era vilipendiado, o mundo continuava lhe contando uma história que não condizia com a sua experiência. De que maneira Judy, ao encontrar sua identidade, consegue combater a hierarquização da leitura de mundo, para que, por meio disso, ela siga afirmando sua identidade por meio da arte?

O movimento feminista luta para romper a hierarquização das leituras de mundo e, por isso, ele se apresenta para Judy como um dos elementos de sua arte, uma vez que ela busca o fim da hierarquização como forma de preservar sua identidade. A partir da compreensão de que a arte de Judy se materializa como leitura de mundo por meio da perspectiva de uma mulher cis, artista e feminista, é possível afirmar que o processo de construção da memória de Judy trata o feminismo como uma arma de combate em prol da legitimação de sua própria identidade.

---

<sup>25</sup> Minutagem: 1 hora 18 minutos e 20 segundos de documentário.

#### 4 SOB A MINHA PELE

Margaret Prescott é ativista, radialista e uma das mulheres do documentário “Feministas: o elas estavam pensando?”. Ela narra sobre suas experiências como mulher negra desde a infância, no vilarejo em que viveu, até a vida adulta na cidade de Nova York. Para compreender a complexidade do seu processo de construção de identidade, será necessário entender os aspectos de sua vivência dentro do meio social e dentro dos movimentos sociais.

A partir da compreensão de que possa ser possível ressignificar elementos de uma fotografia, de que forma o processo de construção da memória de Margaret trata o feminismo por meio da ressignificação da fotografia? Existem inúmeras perspectivas pelas quais uma foto pode ser analisada, visto que a sua produção de sentido deve levar em conta o contexto e o tempo nos quais a análise é feita. O sujeito que analisa também deve ser levado em conta, pois cada um possui compreensões do mundo e construções de sentido particulares. Existe outro fator importante que pode ser levado em conta e que norteia, não apenas a ressignificação da foto, mas também, toda a narrativa deste capítulo: o não-dito.

O sujeito aqui é Margaret Prescott, o tempo é o ano de 2018, o contexto é a luta feminista e o não-dito é o fato de que, ao contrário das outras duas personagens abordadas nos capítulos anteriores desta monografia, Margaret Prescott não olha para uma foto sua no livro “Emergence”. O que significa olhar para foto dos outros e não se ver? Para compreender a complexidade deste processo de construção da identidade de Margaret, que possibilitou a sua leitura de mundo por meio do não-dito das fotografias do livro, é necessário voltarmos um pouco no tempo.

Barbados foi o lugar no qual a menina do vilarejo nasceu, cresceu, aprendeu sobre o mundo e sobre a vida em comunidade. A produção de sentido do sujeito sobre o mundo advém da sua própria experiência e é isso que Margaret Prescott pontua em sua primeira fala no documentário. “Acho que isso teve um grande impacto na minha vida e na minha visão de mundo.”<sup>26</sup> (FEMINISTAS, 2018).

Sra. Rice era vizinha de Margaret no vilarejo em Barbados. Todos os dias, na hora das refeições, a mãe de Margaret incumbia uma missão às duas irmãs: levar uma pequena refeição para a vizinha. Margaret e a irmã, ainda com fome, perguntavam se não poderiam

---

<sup>26</sup> Minutagem: 20 minutos e 16 segundos de documentário.

levar o alimento após terminarem a refeição. Num tom que quase não se percebia a firmeza de sua resposta, a mãe insistia que, antes de comerem, as duas deveriam levar a comida para a Sra. Rice. As irmãs resmungavam mas concluíam a missão. Depois de crescida, Margaret entendeu a lição que a mãe queria lhe ensinar desde cedo. “Era sobre cuidar dos outros, embora tivéssemos muito pouco, compartilhávamos o que tínhamos.”<sup>27</sup> (FEMINISTAS, 2018).

A memória pode ser associada a um fenômeno individual do sujeito, pois a memória de cada um é construída pelas suas vivências particulares. Entretanto, se limitar apenas a essa afirmação faz com que se restrinja à ótica de enxergar o indivíduo como sujeito histórico que está à mercê de modificações derivadas do convívio social. Para entender o processo de construção da memória é necessário considerar a vida pessoal e a vida em sociedade, pois parte da memória do sujeito não foi concebida apenas por experiências pessoais, mas também, por acontecimentos e/ou fatos referentes ao grupo social no qual ele pertence.

“A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada.” (POLLAK, 1992, p. 204).

O processo de construção da memória de Margaret trata sobre sua vida pessoal e sobre as experiências que vivenciou nos contextos nos quais viveu, seja na vila, em Barbados ou quando migrou do vilarejo para o Brooklyn, o que constituiu uma das experiências mais traumáticas de sua vida.

No início de sua adolescência, Margaret foi morar com a tia em Nova York e, já duas semanas após chegar de Barbados, a realidade da comunidade negra nos Estados Unidos foi apresentada a ela. Margaret ia junto com a tia, que fazia parte do Core (Congresso de Igualdade Racial) do Brooklyn, para a manifestação contra a construção de um centro médico no Brooklyn, o Centro Médico Downstate, que não tinha contratado negros. O almoço era levado num saco de papel, e lá, sentados sob o sol ardente, os manifestantes bloqueavam os caminhos de cimento.

Era assim que Margaret passava os verões e, por meio disso, ela ressignificava a

---

<sup>27</sup> Minutagem: 20 minutos e 44 segundos de documentário.

experiência com a mãe, a de cuidar dos outros em prol da própria comunidade, o que se tornou um elemento do processo de identidade em sua adolescência. De acordo com Woodward (2014), ao reafirmar uma identidade do presente, com base em acontecimentos do passado, o sujeito tende a produzir uma identidade por meio da resignificação.

Foi nesse cenário de luta racial que Margaret Prescott cresceu e tornou-se professora no Queens College, onde havia grande união entre os estudantes e professores negros contra o racismo e em prol do acesso. Na época, Margaret trabalhava com algumas mães que, com o auxílio do governo, haviam entrado na City University por meio de um programa especial que ajudava a trazer estudantes pobres de minorias. “Havia muitos problemas, inclusive o fato de que elas precisavam de creche. E não tinha nenhuma.”<sup>28</sup> (FEMINISTAS, 2018).

No Centro Feminino ela conseguiu um espaço para amparar essas jovens estudantes, e isso foi mal visto pelos homens que se consideravam os revolucionários acadêmicos. Para eles, a aproximação com o Centro Feminino separava a comunidade negra: “Eles diziam: Sabemos que lá há muitas mulheres brancas e várias são lésbicas, certo? E nós: E daí? Não nos importamos.”<sup>29</sup> (FEMINISTAS, 2018). A ruptura existia e Margaret tinha que afirmar que era antirracista e que também defendia o direito das mulheres, pois ela era ambas as coisas.

A negação da identidade da mulher negra se apresenta de muitas formas e, até mesmo, dentro de movimentos que pretendem legitimá-la. Funmilola Fagbamila, uma das mulheres do documentário, traz uma declaração que vai de encontro a experiência de Margaret: “Como mulher negra, é muitas vezes difícil, me identificar como feminista, pois isso é muito estigmatizado nas nossas comunidades. A ideia é de que quando você anuncia que é feminista, você é contra os homens negros, e isso não é verdade.”<sup>30</sup> (FEMINISTAS, 2018).

Ribeiro (2018) aborda a falta da branquitude e da masculinidade como elementos de negação da identidade da mulher negra. “Tanto o olhar dos homens brancos quanto de negros e de mulheres brancas confinaria a mulher negra a um local de subalternidade muito mais difícil de ser ultrapassado.” (RIBEIRO, 2018, p.126-127). A mulher negra ocupa um

---

<sup>28</sup> Minutagem: 48 minutos e 49 segundos de documentário.

<sup>29</sup> Minutagem: 49 minutos e 15 segundos de documentário.

<sup>30</sup> Minutagem: 50 minutos e 22 segundos de documentário.

lugar em que suas experiências na esfera de gênero e na de raça são negadas. Isso se apresenta como um problema, pois a afirmação da identidade do sujeito não acontece de forma fragmentada, mas de forma legítima, levando em conta toda sua complexidade e sua totalidade.

Funmilola apresenta o conflito entre os movimentos em prol da legitimação de grupos oprimidos: “A mulher negra precisa silenciar a sua experiência de gênero para lutar em prol do combate à discriminação racial?”<sup>31</sup> (FEMINISTAS, 2018). Os movimentos sociais não existem como forma de subjugar um grupo por outro, mas sim, de legitimar a identidade dos sujeitos pertencentes àquela minoria. Quando a ideia de separatismo e de negação da pluralidade dos sujeitos de um grupo é posta como norteadora das práticas de um movimento social, ele corre um grande risco de negar a identidade dos sujeitos que pretende legitimar.

As mulheres feministas não lutam pela dominação de um gênero acima de outro, embora existam interseccionalidades entre raça e classes sociais que devem ser discutidas. Elas lutam para que suas identidades como mulheres sejam preservadas, em sua totalidade. O movimento feminista luta contra a desigualdade entre os gêneros como forma de legitimar a identidade da mulher, mas será que essa fragmentação da identidade do sujeito acontece apenas dentro do movimento racial?

Margaret Prescott participou da primeira Conferência de Mulheres dos Estados Unidos que aconteceu em Houston, em 1977. Ela, junto com outras mulheres negras, se uniram e montaram uma chapa. “Sentimos que as questões das mães em previdência e da esterilização forçada de mulheres negras não estavam sendo investigadas.”<sup>32</sup> (FEMINISTAS, 2018). No evento, que tinha o objetivo de celebrar as mulheres, a democracia e a diversidade, quando Margaret se manifestou em oposição à esterilização forçada de mulheres negras, indígenas e porto-riquenhas, desligaram o microfone dela. Aqui, se aplica a literalidade do não-dito dentro do movimento feminista.

A questão do silêncio também pode ser estendida a um silêncio epistemológico e de prática política dentro do movimento feminista. O silêncio em relação à realidade das mulheres negras não as coloca como sujeito políticos. (RIBEIRO, 2018, p. 125).

A experiência de silenciamento de Margaret, na Conferência de Mulheres dos Estados Unidos, não foi um episódio isolado, mas fez parte de uma cultura de silenciamento

---

<sup>31</sup> Minutagem: 49 minutos e 30 segundos de documentário.

<sup>32</sup> Minutagem: 1 hora 05 minutos e 27 segundos de documentário.

que visa a legitimidade de uma identidade (branca) a custo da negação de outras vivências (negras). A vivência das mulheres brancas se torna dominante em detrimento das mulheres negras dentro do movimento feminista. Questões relacionadas às mulheres negras não são discutidas dentro da estrutura do movimento, o que faz com que sua própria existência seja negada.

Quando não é possível tratar sobre as vivências de um sujeito dentro de movimentos políticos, suas opressões não são investigadas, pois não podem ao menos ser verbalizadas. Suas reivindicações não são legítimas, pois não estão alinhadas à experiência dominante. Seu papel social não é determinado, uma vez que ele é apagado nas discussões sociais. Como é possível reconhecer uma existência se não se fala dela?

“Tinham dito para não falarmos nisso, pois atrapalharia a escolha de uma de nossas lutas: a escolha de abortar. Algo que todas nós apoiávamos.”<sup>33</sup> (FEMINISTAS, 2018). Margaret e as outras mulheres que faziam parte da chapa repeliram a atitude, pois as mulheres negras iam ao hospital e saíam de lá esterilizadas. “É legal você dizer que apoia as mulheres, mas se não ouve as vozes das mulheres negras e nos diz que devemos deixar nossas questões de lado para o bem maior...[silêncio]”<sup>34</sup> (FEMINISTAS, 2018). Um movimento que luta em prol da igualdade entre os gêneros tem a autonomia de negar a identidade do sujeito por conta de sua raça?

Pensar a interseccionalidade é perceber que não pode haver primazia de uma opressão sobre as outras e que é preciso romper com a estrutura. É pensar que raça, classe e gênero não podem ser categóricas pensadas de forma isolada, porque são indissociáveis. (RIBEIRO, 2018, p. 123).

Margaret Prescott acordava todos os dias, saía para trabalhar, se relacionava com os outros ao seu redor, tudo isso fazia parte de sua vivência como mulher negra. No espaço que ocupava dentro do movimento racial, ela não podia abordar questões de gênero. No movimento feminista, ela não poderia discutir sobre raça. Ao passo que ela era as duas coisas, em sua totalidade, o que faria?

Butler (2020) diz que deve-se levar em conta as individualidades do sujeito para que a representação dele não limite sua identidade. Ela questiona que os sujeitos “mulheres” não eram mais compreendido como estável ou permanente dentro do movimento feminista. Por isso, essa ideia de representação deve ser questionada. Um outro problema político

---

<sup>33</sup> Minutagem: 1 hora 05 minutos e 60 segundos de documentário.

<sup>34</sup> Minutagem: 1 hora 06 minutos e 40 segundos de documentário.

apontado pela autora é o da suposição de que o termo “mulheres” se refere a uma identidade comum, como se todas as mulheres se encaixassem, ou se identificassem, no parâmetro denominado como “mulher”.

A problemática é instaurada quando a pluralidade das identidades do sujeito é negada. Isso faz com que o sujeito seja reduzido a uma coisa só. “Se alguém “é” uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é.” (BUTLER, 2020, p. 21). A legitimação da identidade da mulher negra é bem mais difícil do que a legitimação da mulher branca, e tais dificuldades se dão, não apenas nas questões raciais, mas também de classe e gênero.

No caso de Margaret, e de todas as mulheres negras, é necessário levar em conta as individualidades e as intersecções que o gênero estabelece, no caso, a questão racial. Quando essa preocupação não é validada, a construção de identidade do sujeito, dentro do movimento feminista, se torna um problema quando pensamos na singularidade do sujeito feminista. Quando afirma-se que todas as mulheres sofrem dos mesmos problemas ou se encaixam em todas as características estabelecidas do termo “mulher”, a individualidade acerca da própria identidade é negada.

A afirmação desta singularidade coloca em xeque a pluralidade de existências do ser mulher. Apesar do propósito do movimento feminista ser emancipatório, a negação da pluralidade das outras identidades femininas geram a repressão de outros sujeitos. É necessário repensar a política feminista relacionando-a a uma construção variável de identidade, dentro do movimento, como método de construção do sujeito feminista.

Quando a identidade da mulher é negada no meio social, o feminismo se apresenta como forma de lutar para a legitimação desta identidade. Mas, quão efetivo um movimento se torna quando, dentro dele, é negada a identidade do sujeito que ele pretende legitimar?

É sabido que o processo de construção de identidade sofre flutuações com o decorrer do tempo, pois sua construção acontece por meio de uma dança contínua de mutações. Tais mutações são estabelecidas a partir do exercício da negação, por meio do que não é. A identidade, para existir, depende de algo que está fora dela, a comparação é inevitável. Retomando o conceito de identidade, segundo Woodward (2014):

A identidade é marcada pela diferença, mas parece que algumas diferenças são vistas como mais importantes que outras, especificamente em lugares particulares e em momentos particulares.

(WOODWARD, 2014, p. 11).

A diferença tem papel fundamental no processo de construção da identidade, mas no caso de Margaret Prescott, isso se dá “ao quadrado”: sua identidade era marcada pela diferença quando era negada dentro do movimento negro, por fazer parte do movimento feminista. Mas dentro do movimento feminista, ela também era negada por conta da sua vivência como mulher negra. Quando o sujeito compreende que seus problemas são tanto pessoais quanto coletivos, ele obtém as ferramentas para lutar em prol da sua identidade.

Ao refletir sobre todas essas articulações e negações de sua identidade, Margaret, junto com outras mulheres negras, por meio da ressignificação, avistaram uma possível solução. “Algumas de nós seguiram outro caminho, afinal de contas, quando se olha para o movimento abolicionista e o movimento de direitos civis, dava para ver que, claro, que as mulheres brancas estavam lá porque elas eram consideradas propriedade.”<sup>35</sup> (FEMINISTAS, 2018). Por meio do processo de construção de memória, elas compreenderam que ambas as vivências, de raça e de gênero, eram oprimidas, e começaram a lutar contra o separatismo pensando-as como aspectos indissociáveis da identidade e percebendo as opressões de tais aspectos dentro do meio social. Quando elas percebem a presença dessas interseccionalidades do ser mulher, começam a ter a compreensão necessária para lutar em prol da afirmação de suas próprias identidades com totalidade.

Foi neste mesmo período, na segunda onda do feminismo, que o feminismo negro se solidificou com a fundação da National Black Feminist, em 1973, nos Estados Unidos. Em diálogo com a experiência de Margaret, Ribeiro (2018) trata sobre a interseccionalidade de interesses dos movimentos sociais quando reflete sobre a vivência da mulher negra e, consequentemente, sobre o feminismo negro. “O machismo e o racismo são elementos estruturantes desta sociedade, de modo que nenhum espaço está isento dessas opressões.” (RIBEIRO, 2018, p. 176).

As experiências individuais de Margaret, só ela viveu, entretanto, a seleção das lembranças individuais que serão rememoradas, advém de estímulos dos grupos sociais (feminismo negro) que ela estava inserida, pois a lembrança individual tem relação direta com o convívio social e contribui para a construção de memória de outros sujeitos.

---

<sup>35</sup> Minutagem: 1 hora 07 minutos e 16 segundos de documentário.

Por meio disso, percebe-se a importância da sintonia entre a memória individual e a memória coletiva no processo de rememoração. Além da simpatia do sujeito com o grupo social no qual ele está inserido.

Não é suficiente construir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados e noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito, como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. (HALBWACHS, 1990, p. 34).

O processo de construção da memória acontece por meio das lembranças do sujeito, mas está condicionada ao grupo no qual esse sujeito é pertencente. Quando Margaret rememora suas experiências, ela parte de uma noção alinhada ao grupo social do qual ela faz parte. Ela constrói e desconstrói produções de sentido sobre o mundo por meio do partilhar de experiências, tanto dela para com os outros e vice-versa. A partir da experiência do presente é possível redescobrir vivências do passado. Foi por meio da experiência dentro do feminismo negro que Margaret ressignificou suas experiências nas esferas de gênero e de raça.

Quando o sujeito consegue perceber todos esses fatores que interligam sua própria memória e a sociedade, ele se depara com um certo equívoco em relação à reflexão sobre os processos sociais, que é a diferença entre história e memória.

Nora (1993) diz que a história é tida como algo cru, que está sempre preso a um só tempo, é a representação de algo que já passou. A memória, por sua vez, se caracteriza como algo em contínua evolução, que está sujeita a novas ressignificações, é algo que não se finda.

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado. (NORA, 1993, p. 9).

Margaret utiliza os acontecimentos do passado sobre as opressões nas quais as mulheres negras sofreram, e sofrem, para ressignificar a própria experiência produzindo

sentido sobre o mundo, mais especificamente sobre o feminismo. Aqui, se apresenta a diferença entre história e memória e sua importância no processo de construção da identidade de Margaret Prescott.

A partir do momento que se compreende a memória como mecanismo vivo de reflexão sobre os processos sociais, é possível discutir, por meio de uma análise mais profunda, sobre o seu papel na construção da identidade do sujeito. O processo de construção da identidade de Margaret veio da diferença, do que não estava lá para ser visto, discutido, abordado, veio do não-dito.

Ainda na infância, Margaret viveu em um vilarejo e ela mesma afirma que aquilo teve um grande impacto em sua vida e em como ela enxerga o mundo. Por conta do processo de construção de memória, que permite a ressignificação de suas próprias experiências, Margaret lutou contra a negação da sua vivência como mulher negra dentro do movimento feminista. Quando se conquista esse espaço de diálogo das vivências da mulher negra dentro do feminismo, é possível abrir espaço para as possíveis intersecções do que é ser mulher e, assim, efetivar o movimento em prol das mais várias vivências do ser mulher.

O sentimento de coletividade do vilarejo de Margaret se materializa em sua forma de enxergar o feminismo. O coletivo não é determinar o mais importante, renegando as vivências de outros, como aconteceu no episódio da primeira Conferência de Mulheres dos Estados Unidos, mas é abrir espaços de discussões sobre as várias experiências do sujeito. Quando Margaret luta pela afirmação de sua identidade, e todas as intersecções que a envolve, ela não luta apenas por ela, mas também pelas outras possíveis intersecções do ser mulher dentro do movimento feminista. “Pensar como as opressões se combinam e se entrecruzam, gerando outras formas de opressão, é fundamental para se considerar outras possibilidade de existência.” (RIBEIRO, 2018, p. 122).

Investigar tais possibilidades de intersecções das opressões é importante para a afirmação das identidades dos sujeitos. Quando as opressões são silenciadas, em prol da legitimação de um grupo em detrimento do outro, identidades são negadas. Por isso, combater o não-dito é o elemento fundamental na luta em prol da afirmação da identidade. A compreensão de tais interseccionalidades de opressões é necessária como uma maneira de validar outras formas de existência que estão sendo negadas. Aqui, se apresenta a importância de efetivar a pluralidade do sujeito dentro dos movimentos sociais. Investigar as possíveis

intersecções das opressões é importante para abrir o leque de possibilidades como forma de perceber as variações de existências e legitimar as identidades dos sujeitos em sua totalidade.

Ao contar sobre suas vivências, Margaret afirma quem é e assume um discurso de denúncia sobre a violência contra a identidade da mulher negra nas várias camadas sociais. Margaret defende o movimento feminista que não segrega a identidade, e individualidade das mulheres, seja por raça, gênero e/ou orientação sexual. Ela busca assegurar a legitimação das identidades das mulheres em toda a complexidade de suas as intersecções.

Em 2018, ela reafirma a identidade do presente com base nos acontecimentos do passado ao rememorar todas as experiências nas quais sua identidade como mulher negra foi negada. Por meio do processo de construção de memória, ela redescobre o passado por meio da vivência do presente. As fotografias possibilitam a ressignificação deste passado por meio da compreensão do seu presente e, tal ressignificação é feita a partir dos elementos, ou a falta deles, que constituem toda a sua narrativa. Ao utilizar o não-dito das fotografias, que negam a sua identidade, Margaret afirmou que era por meio da sua leitura de mundo. Ela utilizou a diferença que se apresentava nas fotos para afirmar a própria identidade, uma vez que a identidade é marcada pela diferença. De que forma processo de construção da memória de Margaret trata o feminismo por meio da ressignificação da fotografia?

Quando Margaret trata da sua experiência sobre o que é ser mulher negra a partir do não-dito das fotografias, ela declara o que o feminismo é para ela. Por meio disso é possível afirmar que, o feminismo para Margaret é combater o não-dito das várias vivências do ser mulher como forma de ampliar o espaço dentro do próprio movimento e legitimar a identidade de todas as mulheres. “Todas ganhamos com o movimento feminista. É assim que avançamos, mantendo a autonomia, mas também percebendo que é melhor encontrarmos uns aos outros. Precisamos uns dos outros, pois estamos neste planeta e estamos com problemas.”<sup>36</sup> (FEMINISTAS, 2018).

Só é possível alcançar a igualdade das experiências do ser mulher dentro do movimento feminista quando uma vivência não é posta como maioral perante outras. Ao compreender as combinações de opressões que perpassam os sujeitos dentro do feminismo, é possível abrir espaço para as possibilidades de existência do ser mulher. Para Margaret, o feminismo é combater o silêncio, pois é por meio deste combate que sua existência, e a

---

<sup>36</sup> Minutagem: 1 hora 23 minutos e 20 segundos de documentário.

afirmação de sua identidade, é legitimada.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A memória faz parte do processo de construção da identidade, pois é por meio da ressignificação do passado que a identidade é construída. Se essa ressignificação do passado pode ser feita por meio da análise de uma fotografia, a fotografia se torna um processo comunicativo para a descoberta de si. Mas quais interpretações podem ser feitas a partir da conclusão da análise do processo de construção da identidade do sujeito?

No primeiro capítulo de análise, Marcy Vaj redescobre sua experiência como mulher por meio da ressignificação de um símbolo: o violino. Só foi possível compreender como o processo de construção da memória de Marcy tratava o feminismo por meio da ressignificação da fotografia, quando se entendeu a importância de pensar passado e presente tendo o violino como elemento principal da ressignificação.

A temporalidade se apresentou como elemento vital para a análise. Quando pensamos o papel da cultura em todas as suas temporalidades, e não apenas como um recorte, é possível produzir interpretações sobre os processos dos sujeitos e da própria sociedade. Chegar à conclusão de que o feminismo para Marcy era uma forma de revolução só foi efetivo quando se observou o contexto por completo. Suas experiências desde a época da faculdade, o fato dela ter abandonado os estudos por conta de um casamento, o encontro com o feminismo e até a ressignificação do violino que se tornaria um elemento de sua própria identidade quando ultrapassou a ideia de símbolo.

Se a cultura é uma forma pela qual é possível produzir sentido sobre o mundo, o violino se apresentou como elemento de pensar a sociedade. A partir desta conclusão foi possível fazer uma analogia das experiências de Marcy com as ondas do próprio movimento feminista. Num primeiro momento foi necessário analisar os processos de memória e identidade de Marcy, para depois disso, buscar padrões dentro do contexto no qual ela estava inserida. Quando se observa um fenômeno social por meio de uma abordagem metodológica da análise cultural é possível fazer associações, observar padrões e articular interpretações que num primeiro momento não seria possível. A partir do momento em que se passa a compreender a importância do conceito, ele possibilita a liberdade para outras formas de interpretações sobre o mundo.

O violino, um instrumento que aos olhos de outros passaria despercebido, adquire

força dentro do processo de construção de identidade de Marcy. De que forma um objeto do cotidiano pode se tornar elemento de algo tão importante para o sujeito como a sua própria identidade?

A cultura se apresenta como forma de produzir sentido sobre o mundo e sobre si mesmo. Por isso, o contexto, o tempo, as pessoas, os lugares e até objetos, como um violino, podem se tornar elementos de ressignificação, de produção de sentido sobre o mundo e de descoberta de si. É como se a compreensão da existência do sujeito estivesse escondida no emaranhado de suas experiências e para que a descoberta desta identidade se estabeleça é necessário algo que está fora.

A materialidade dessa afirmação se apresenta nas vivências de Judy Chicago que durante toda sua jornada viveu um embate entre sua experiência e o que o mundo lhe apresentava. Ela tinha consciência do que viveu e das produções de sentido sobre a realidade, mas só conseguiu encontrar-se consigo mesma por meio do outro, ou mais especificamente, por meio de outras mulheres. O fato é que alguns elementos são vitais dentro do processo de construção de identidade. O sujeito precisa de suas experiências como combustível para a jornada de legitimação de sua identidade, mas a sua descoberta precisa de algo que está fora dela. O outro é necessário para lembrar quem se é. A identidade parte da diferença e a rememoração das próprias experiências é feita por meio do partilhar com o outro.

A identidade nasce da diferença, a comparação é inevitável, mas existe uma linha tênue no que diz respeito ao papel do outro na afirmação da identidade do sujeito e em sua representação estereotipada. A hierarquização das leituras de mundo foi o grande obstáculo que acompanhou toda a experiência de Judy Chicago como mulher artista e feminista. Tal hierarquização foi analisada levando em conta o fator de gênero, pois era a experiência apresentada por Judy. Mas a investigação sobre essa hierarquização pode ser encontrada em todas as opressões contra grupos sociais marginalizados. Aqui se dá a importância da análise cultural no processo de construção de identidade dos sujeitos, pois ao identificar esses padrões dentro de um grupo é possível identificá-los em outros.

Se para Judy a arte se apresentou como elemento de materialização de sua própria identidade e, conseqüentemente, de sua leitura de mundo, quão interessante seria analisar práticas artísticas como forma de afirmação de outras existências e de combate à hierarquização das leituras de mundo? A expressão de outras leituras de mundo por meio da arte é importante

para legitimação da identidade de quem as produz, mas também, para afirmação de outras identidades, seja por meio da diferença, seja por meio da identificação.

Em duas das análises, o movimento feminista se apresentou como uma saída em prol da legitimação da identidade do sujeito. Mas será que ele se apresenta assim para todas as mulheres?

Margaret Prescott é a prova de que nem sempre a solução de um sujeito se apresenta como cabível para outro. Afinal, se cada sujeito possui leituras de mundo e processos de construção de identidade e memória diferentes, que estão à mercê do contexto e o tempo no qual são articulados, as soluções para suas opressões também serão diferentes.

Margaret se encontrou nesse embate durante sua vida, pois, quando nova, ela se encontrava dentro de movimentos que não levavam em conta as interseccionalidades das opressões do sujeito, sejam elas de gênero, sejam de classe, e no caso de Margaret, de raça. Num primeiro momento, o feminismo que fora a solução para Marcy e Judy, estava sendo um problema para Margaret. Ele negava sua identidade.

Ao perceber as interseções de opressões dentro do movimento, onde não era possível discutir sobre suas vivências como mulher negra, Margaret começa a defender o feminismo que não nega a identidade do sujeito em suas interseções. Por meio da análise cultural, foi possível compreender que Margaret apresenta uma solução diante da negação da identidade do sujeito dentro do feminismo.

Quando se descobre que o feminismo para Margaret é combater o não-dito das várias vivências do ser mulher como forma de ampliar o espaço dentro do próprio movimento, é possível pensar sobre o silêncio que percorre outras existências que nem se imagina. É por meio de uma análise que levou em conta o contexto de Margaret (no vilarejo e na cidade de Nova York), a temporalidade de suas vivências e as articulações dos seus processos de memória e identidade por meio do não-dito das fotografias que será possível investigar outras formas de existências que estão sendo negadas ainda na atualidade.

As análises feitas só foram efetivas por conta do caráter transformador dos processos de construção de memória e identidade. As flutuações e modificações do processo de construção da memória têm como elemento principal as vivências do sujeito dentro de seus respectivos contextos. Tais flutuações são parte fundamental do processo de construção de

identidade e, por isso, apresentam uma possibilidade de mudança em prol do combate frente a negação das existências. A experiência possibilita mudança, pois as ressignificações das vivências fazem parte das inúmeras transformações da identidade do sujeito, o que possibilita as leituras de mundo.

Diferente da história, que é tido como algo cru, que está sempre preso a um só tempo, a memória é vida que se transforma a cada experiência. “A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado.” (NORA, 1993, p. 9). Um exemplo dessa possibilidade de mudança foi a “Womanhouse”, onde os homens tiveram a experiência de ver o mundo por meio da perspectiva da mulher. A arte é uma via de mão dupla no combate à hierarquização das leituras de mundo que negam existências. Ela concede a possibilidade da expressão de uma produção de sentido sobre o mundo, ao mesmo tempo que possibilita que outros sujeitos adquiram experiências a partir de tais produções. Se a experiência é o combustível da memória, e a memória é um elemento da identidade, a experiência a partir de outras leituras de mundo possibilita a ressignificação de quem se é.

É possível ressignificar os elementos de uma fotografia, sejam eles objetos, sejam acontecimentos ou sejam sujeitos. Marcy Vaj, Judy Chicago e Margaret Prescott ressignificam as fotografias do livro “Emergence” a partir de suas produções de sentidos e, por isso, a análise do processo de construção de identidade delas levou em conta o contexto e o tempo apresentado na materialidade do documentário. Isso possibilitou a compreensão das formas pelas quais elas ressignificaram suas vivências como forma de reafirmarem suas próprias identidades. A análise da construção de identidade dessas mulheres só foi possível a partir de uma perspectiva de construção analítica que vê o sujeito na complexidade de seus processos de memória e identidade, uma vez que esses processos estão numa dança contínua de mutações a depender do contexto e do tempo no qual são articulados.

É possível perceber a presença de outras monografias que abordam a temática do feminismo, mas as pesquisas se diferenciam desta por conta dos tipos de análises e pelo objeto do estudo. Percebe-se que a discussão sobre memória e fotografia é mais acentuada em alguns trabalhos. Entretanto, no que diz respeito aos objetos, não encontra-se muitas pesquisas que analisam um objeto com perspectiva temporal. O conceito de memória se alia muito à fotografia em alguns trabalhos acadêmicos, todavia, a maioria não se relaciona com a análise entre a temporalidade, memória e ressignificação como esta pesquisa fez.

A importância desta monografia se dá pelo fato dela estabelecer reflexões levando em conta todos esses conceitos de memória e de identidade, além de fazer análise com base na temporalidade apresentada na materialidade. A obtenção dos resultados desta pesquisa pode contribuir como reflexão futura sobre a importância de uma análise que não recorta, mas que abre um leque de possibilidades para a investigação dos processos de um sujeito está à mercê de mudanças derivadas do contexto e do tempo nos quais ele está inserido.

A representação estereotipada da mulher se apresenta nas inúmeras possibilidades de sua existência. Isso foi compreendido durante as análises das três mulheres do documentário: elas sofreram com tal representação estereotipada de suas identidades ainda que por meio de experiências distintas. Mas o processo de construção de memória irá tratar o feminismo de formas diferentes de um sujeito para outro, assim como a ressignificação da fotografia será diferente, pois ela leva em conta as produções de sentido particulares de cada sujeito. É necessário ver o sujeito de forma completa levando em consideração a complexidade de seus processos de memória e identidade. Se torna essencial repensar o sujeito mulher relacionando a uma construção variável de identidade afirmando a pluralidade de sua existência.

A forma que o processo de construção da memória da mulher trata o feminismo por meio da ressignificação da fotografia leva em conta as complexidades dos processos de construção de memória e identidade de cada sujeito. Por isso, se houvesse uma única resposta para esse questionamento central desta pesquisa, a pluralidade do ser mulher seria negada.

A fotografia se apresentou para Marcy Vaj, Judy Chicago e Margaret Prescott, como elemento de disparo de suas próprias memórias. Foi por meio dela que se deu a redescoberta, e a ressignificação do passado, por meio da compreensão do presente. As fotografias do livro “Emergence” se apresentaram como um elemento que permitiu a afirmação de suas próprias identidades por meio de seus processos de construção de memória. Ela é um elemento comunicativo de pensar a si mesmo. Tanto a presença como a falta de elementos nas fotografias serviram como redescoberta do passado para as personagens e como materialidade para a análise. Isso diz muito sobre as várias possibilidades e complexidades da análise cultural, pois até a falta de algo tem muito a dizer. A análise cultural do processo de construção de identidade das mulheres só foi possível quando se compreendeu a importância de vê-las na complexidade de quem elas eram, na temporalidade na qual se situavam e no fato da cultura se apresentar para cada uma como elemento de produção de sentido sobre o mundo. Se a análise não levasse em

conta todos esses fatores não teria sido possível compreender a representação estereotipada da mulher, a hierarquização das leituras de mundo nem a importância da afirmação da pluralidade do sujeito.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, Fernando. O que foi o macarthismo? **Super interessante**, São Paulo, 18 de jul. de 2017. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-foi-o-macarthismo/>>. Acesso em: 27 de ago. de 2021.
- BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Ed. 20. Rio de Janeiro, 2020.
- DESLAURIERS, Jean Pierre. **Recherche qualitative: guide pratique**. Québec: McGrawHill, 1991.
- FEMINISTAS: o que elas estavam pensando?. Direção de Johanna Demetrakas. Produção de Johanna Demetrakas, Lisa Remington, Gretchen Landau, Jeryl Jagoda. Estados Unidos: Netflix, 2018. Son., color. Legendado. Disponível em: <https://www.netflix.com/search?q=feministas&jbv=80216844> . Acesso em: 01 jul. 2021
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo: Hucitec, 1985.
- FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Trad. Adelaine La Guardiã Resende (et al). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 2.ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- MORAES, Ana Luiza Coiro. A Análise Cultural. **COMPOS**. 2015, Canoas. Epistemologia da comunicação. Brasília: Compós, 2015, p. 1-14.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares, **Proj. História**, São Paulo (10),dez. 1993, p. 7 - 28.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: vol. 2, nº3, 1989, p. 3-15.
- \_\_\_\_\_. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.
- POR uma história da arte feminista: a ‘Dinner Party’, de Judy Chicago. **Carta Campinas**, 2021 . Disponível em: <<https://cartacampinas.com.br/2021/03/por-uma-historia-da-arte-feminista-a-dinner-party-de-judy-chicago/>>. Acesso em: 05 de ago. de 2021.
- RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SANTOS, Ana Carolina Lima. Realidade e Representação: o discurso visual no fotojornalismo. **Mediação**, Belo Horizonte, v.10, n.9, jul/dez de 2009. p.116-128.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo**: introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografiana imprensa. Porto, Portugal: Porto, 2002.

WILLIAMS, Raymond. **La larga revolución**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

WOMANHOUSE. **Judy Chicago**, 2015. Disponível em:

<<https://judychicago.arted.psu.edu/about/onsite-archive/teaching-projects/womanhouse/>>

Acesso em: 17 de jul. de 2021.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: **Identidade e diferença**: a perspectivas dos estudos culturais. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.